

**FUNDAÇÃO ESCOLA DE COMÉRCIO ÁLVARES PENTEADO -
FECAP
GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES PÚBLICAS**

BRUNO CESAR RIBEIRO SERENO

**VÍRUS NA COMUNICAÇÃO: UMA ANÁLISE DA
COMUNICAÇÃO GOVERNAMENTAL DO PRESIDENTE JAIR
MESSIAS BOLSONARO DURANTE A PANDEMIA DO
COVID-19**

Monografia apresentada à Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado - FECAP, como requisito final para a obtenção de título de bacharel em Relações Públicas.

**Orientador: Prof. Mestre Marcus
Vinícius de Jesus Bomfim**

São Paulo

2022

BRUNO CESAR RIBEIRO SERENO

VÍRUS NA COMUNICAÇÃO: UMA ANÁLISE DA COMUNICAÇÃO
GOVERNAMENTAL DO PRESIDENTE JAIR MESSIAS BOLSONARO DURANTE A
PANDEMIA DO COVID-19

Monografia apresentada à Fundação
Escola de Comércio Álvares Penteado -
FECAP, como requisito final para a
obtenção de título de bacharel em
Relações Públicas.

Orientador: Prof. Mestre Marcus Vinícius
de Jesus Bomfim

São Paulo

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais que me possibilitaram a formação e o estudo pela segunda vez, por confiarem em minha trajetória e carreira e entenderem a importância deste curso. Ao meu irmão Lucas com quem divido experiências da graduação e, que me apoiou nesta pesquisa e que tanto me ajuda a deixar leve o caminho até aqui. Sou grato à Aline, parceira de todas as horas. Meu escudo e minha espada. Minha melhor defesa e melhor ataque para encarar as surpresas do dia a dia.

Um agradecimento especial ao meu orientador e mestre Marcus Bomfim. Ainda hoje me questiono se admiro mais sua sapiência, generosidade ou força. Talvez sejam os três juntos. Talvez nunca consiga responder.

Aos meus colegas Leonardo, Beatriz e Julia que foram apoio nas tarefas e partilha das boas risadas. Pela acolhida instantânea, pela sensatez, pelo bom humor deste trio que foi motivo, em muitos dias, para sair do trabalho e correr para as aulas.

Obrigado.

RESUMO

Esta pesquisa procura analisar o processo comunicativo adotado pelo Presidente da República Jair Messias Bolsonaro durante o enfrentamento da pandemia do novo coronavírus (COVID-19) e sua influência sobre a comunicação governamental perante a sociedade brasileira. Será realizada uma apresentação da estruturação da comunicação governamental, o fluxo do processo comunicativo, e as recomendações de melhores práticas válidas e disponíveis a todos os governos. A pesquisa terá como referencial teóricos da comunicação focados em relações públicas e comunicação governamental, artigos e documentos de comunicação da área da saúde e uma análise mais aprofundada com os possíveis contrapontos apresentados pela gestão do Presidente da República e sua comunicação. Para embasar a análise do processo comunicativo, será apresentada uma pesquisa de opinião para compreender a percepção da população brasileira, além de entrevistas com formadores de opinião para avaliação técnica sobre o modelo adotado pelo governo brasileiro.

Palavras-chave: Comunicação Governamental. Pandemia. Covid-19. Bolsonaro. Relações Públicas.

ABSTRACT

This research aims to analyze the communicative process adopted by the President of the Republic Jair Messias Bolsonaro during the confrontation of the new coronavirus (COVID-19) pandemic and its influence on governmental communication in Brazilian society. There will be a presentation of the structuring of government communication, the flow of the communication process, and best practice recommendations valid and available to all governments. The research will have as a reference theoretical communication focused on public relations and government communication, articles and communication documents in the health area and a deeper analysis with the possible counterpoints presented by the administration of the President of the Republic and its communication. To support the analysis of the communicative process, an opinion survey will be presented to understand the perception of the Brazilian population, in addition to interviews with opinion makers for a technical evaluation of the model adopted by the Brazilian government.

Keywords: Governmental Communication. Pandemic. Covid-19. Bolsonaro. Public Relations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1: PAPEL E ESTRUTURA DA COMUNICAÇÃO DE ESTADO	8
CAPÍTULO 2: COMUNICAÇÃO PÚBLICA NA CRISE DE COVID-19	15
3.1 O “PÚBLICO” E A COMUNICAÇÃO PÚBLICA	15
3.2 SAÚDE PÚBLICA	17
3.3 O VÍRUS NO BRASIL E NO MUNDO	18
CAPÍTULO 3: PESQUISA DE CAMPO: OS EFEITOS DA COMUNICAÇÃO ERRÁTICA	22
4.1 A CONDUTA DO PRESIDENTE DURANTE A PANDEMIA	22
4.2 FOCUS GROUP	24
4.2.1 JUSTIFICATIVA	24
4.2.2 ANÁLISE	25
4.3 ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE	29
CAPÍTULO 4: COMO AS RELAÇÕES PÚBLICAS PODEM ORIENTAR A COMUNICAÇÃO PÚBLICA E GOVERNAMENTAL EM SITUAÇÕES DE CRISE SANITÁRIA	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	39

1 Introdução

A crise mundial de saúde causada pela nova variante do coronavírus (SARS-CoV-2) começou a dar sinais por volta de dezembro de 2019, em Wuhan, na China, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). No Brasil, a doença já nomeada COVID-19, teve o seu primeiro caso registrado em 26 de fevereiro de 2020, em São Paulo, e até 22 de abril de 2022, com a portaria nº 913 que declara o fim da Emergência em Saúde Pública, mais de 600 mil mortes haviam sido registradas pela doença.

Em um grave estado de saúde pública como o ocorrido, a comunicação do governo deve ser ainda mais assertiva, estratégica e clara. Entretanto, no Brasil, a comunicação do governo restringiu a divulgação dos dados do impacto do novo coronavírus¹, com subnotificações e foi justificado pelo Presidente da República que seria o melhor para o país e que o acúmulo de dados não retrataria a parcela da população já recuperada da doença e nem o momento do país.

Com base nisso, veículos de comunicação brasileiros, comprometidos com a divulgação diária dos dados da doença, para compreender o avanço, letalidade e taxa de transmissibilidade, formaram um inédito consórcio de Imprensa para esta divulgação. Jornalistas do Portal G1, O Globo, Extra, Estadão, Folha de São Paulo e UOL começaram a coletar diariamente os dados nas secretarias de saúde para que a informação não se perdesse.

Em meio à tentativa ao enfrentamento da pandemia, o governo ainda participou de evento em apoio à intervenção militar no poder e contrário à Suprema Corte do STF, que se mostrava insatisfeita com a postura do maior líder nacional. Diante disso, governadores de 20 Estados brasileiros divulgaram em 19 de abril de 2020, um manifesto contra a postura do governo e de sua comunicação neste período, que tirava o foco da principal temática da época: o enfrentamento coerente do vírus.

Além desses casos, a crise, que era de saúde, tornou-se ainda mais política e administrativa. Foram necessárias quatro substituições de ministros da saúde (Luiz Mandetta, Nelson Teich, Eduardo Pazzuelo e Marcelo Queiroga) até a delimitação

¹ Após reduzir boletim diário, governo Bolsonaro retira dados acumulados da Covid-19 do site. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/06/apos-reduzir-boletim-governo-bolsonaro-retira-dados-acumulados-da-covid-19-de-site-oficial.ghtml>>. Acesso em: 18 set. 2022.

desta pesquisa, como tentativa de organização de um Plano de Saúde Pública Emergencial que comportasse as dimensões estratégicas, administrativas e operacionais para a contenção do vírus, associadas a uma Campanha de Vacinação. Ao observar todo o plano de fundo, os ruídos na comunicação foram iminentes, e essa é a proposta deste estudo.

No primeiro capítulo vamos apresentar o papel da estrutura da comunicação de Estado, seus pontos essenciais e fundamentais com embasamento teórico com alguns dos principais autores do campo da Comunicação que refletem sobre o tema.

Já no segundo capítulo vamos desenvolver definições sobre a Comunicação Pública e traçar paralelos com a saúde pública, fazendo um breve histórico da pandemia do COVID-19 no mundo e no Brasil.

O terceiro capítulo será dedicado para apresentar a pesquisa de campo realizada em *focus group* com estudantes de diferentes cursos da FECAP e com entrevistas em profundidade com representantes de importantes institutos e associações brasileiras de saúde.

No quarto e último capítulo serão apontadas condições das quais as relações públicas podem direcionar a comunicação governamental e pública e com exemplos já refletidos na atuação do governo do presidente Jair Messias Bolsonaro.

2 Papel e Estrutura de Comunicação de Estado

A comunicação governamental, em países democráticos, é tão essencial quanto a própria existência do Estado. Sua operação, em compromisso com a sociedade que elegeu seus representantes, deve comunicar-se nos três níveis de poder: Executivo, Legislativo e Judiciário, de acordo com as ferramentas disponíveis e necessidades de cada uma das esferas do poder, que se diferenciam.

O Estado, enquanto instância maior de representação do país, conta com os seus gestores eleitos, que formam os governos, a tarefa política de exercer a Administração Pública, ou seja, é competência dos governos, dentro do mandato que receberam democraticamente, decidir, dialogar, operar - a bem do interesse público - dentro das regras constitucionais. É a Constituição Federal inclusive, que exige do governo o cumprimento de certos deveres, e dentre eles, os princípios da Administração Pública expressos no artigo 37 incluem a Publicidade, ou seja, a comunicação transparente com obrigação dos governantes da vez.

Quando se discute a comunicação governamental, imagina-se em um primeiro momento que esta esteja limitada à propaganda política, com intuito direcionado às eleições de nível municipal, estadual ou federal. Porém, o conceito desta comunicação é muito mais amplo. Segundo Weber (2011, p. 105), os sistemas, as redes e as assessorias de comunicação dos três poderes comunicam a defesa direta dos projetos políticos de quem está no poder, e permitem criar espaços próprios de visibilidade e promoção em formatos informativos e publicitários.

Em essência, a comunicação governamental tem por base justamente a capacidade de dialogar com seus públicos de interesse de modo que a transparência e prestação de contas sejam o alicerce fundamental. Novelli (2009) afirma que a comunicação pública se reveste de formas muito variáveis, de acordo com os objetivos expressos para cada momento. Uma de suas vertentes mais conhecidas é a disponibilização dos dados públicos, que responde à obrigação que as instituições têm de oferecer informações ao público.

É possível verificar que a comunicação destes projetos e intenções do plano de governo caminham por lados distintos. Se por um lado a promoção e divulgação destas iniciativas é uma obrigação do Estado, por meio da Administração Pública representada pelo governo da vez, Buscar o relacionamento com os cidadãos para a prestação de contas, comunicação da prestação de serviços públicos,

transparência e compromisso com a sociedade - fundamental em governos democráticos -, por outro, a mesma comunicação se justifica por intenções ligadas à promoção da imagem pública dos atores do jogo político legitimamente eleitos, de acordo com Weber (2011, p. 102).

Desta maneira, apesar de serem colocados como pontos distintos de intenções: prestação de contas e imagem pública tornam-se intrínsecas dentro do processo comunicativo de governo e complexo de se desassociar.

Imagem Pública é o somatório de exercícios de aparência, representações, fé e um carisma mediatizado a partir de jogos de poder entre visibilidade e credibilidade (WEBER, 2009, p.16)

Para além dos valores éticos mínimos esperados da comunicação governamental de informar a população sobre as iniciativas promovidas pelo Estado, tal processo comunicativo envolve também o agendamento da pauta do interesse da população. Segundo Weber (2011, p. 105), a comunicação pública é uma categoria de análise necessária à análise das ações comunicativas do Estado democrático determinadas pelo interesse público; e, a discussão do tema nos poderes e instituições, na sociedade e na imprensa, ampliam sua compreensão e contribuem para o fortalecimento da democracia, de acordo com Weber (2017, p. 23).

Isso indica uma relação bilateral entre sociedade e Estado. As temáticas abordadas pela comunicação governamental tem um papel de agendamento do poder, mas o mesmo só ocorre por conta do que está em discussão pela população guiada pelo interesse público. Quando um desses lados adota uma postura unilateral, o processo perde força: seja pelo agendamento da comunicação governamental por temáticas que não geram interesse; seja pela discussão pública da sociedade em redes sociais, não necessariamente digitais, que não se amplificam por não terem o envolvimento do Estado.

De qualquer modo, independente do poder estabelecido, da pauta governamental ou dos interesses dos atores políticos, o Estado tem à sua disposição uma complexa rede de meios e canais de comunicação e de um sistema completo com capilaridade para efetivamente cumprir sua essencial tarefa de comunicação com seus públicos de interesse, nós, cidadãos e cidadãs brasileiros em primeiro lugar e, sequencialmente, outros atores da sociedade civil e instituições. De agências de comunicação a canais públicos de televisão, rádio e podcasts.

Das assessorias particulares às assessorias de gabinete e de cada um dos poderes, em diferentes escalas. Weber (2011) categorizou em oito diferentes caminhos, elencados de forma sintética a seguir:

Quadro 1 - Ferramentas de comunicação do Estado

Publicização	Disponibilizar as informações das instituições com fácil acesso à população até mesmo como reconhecimento e proteção dos direitos civis. O Estado pode utilizar diferentes ferramentas para isso, impressas ou digitais, tais como: agendas, blogs, catálogos, discursos, pronunciamentos, editais, glossários, livros, informes institucionais e outros.
Debate Público	A iniciativa de trazer temas de interesse público e colocá-los na pauta de debates para perceber a repercussão e assim, tomar decisões. Weber classifica como um nível mais avançado da comunicação pública e elenca algumas ferramentas, como: debates, consultas públicas, pesquisas, avaliações e outros.
Prestação de Contas	A transparência normativa esperada da comunicação pública que indica o compromisso da responsabilidade do poder. Os documentos e ferramentas a serem disponibilizadas para tal podem ser: acesso a contratos, convênios, licitações, planejamento e relatórios de gestão.
Prestação de Serviços	Ferramenta da qual o cidadão tem a oportunidade de acessar as instituições públicas em seu benefício, como: bibliotecas (pesquisa de acervo), consultas (processos, legislação e documentos), cursos a distância, guias, links úteis para programas e ações, entre outros.
Informação Jornalística	Produção de conteúdo jornalístico do Estado, disponível e com circulação permanente. São exemplos: agências de notícias, artigos jornalísticos, assessoria a jornalistas e dirigentes, coberturas especiais, entrevistas, fotos, jornais, programas de rádio, televisão e webrádio e podcasts.
Mídias Públicas	Veiculam informações, propaganda, programação institucional, política, social e cultural, em nível federal, estadual e municipal. Exemplos no Brasil: TV Senado, TV Câmara, TV Judiciário, Rádio Senado e Rádio Câmara.

Mídias Sociais	Diretamente ligadas às redes sociais digitais conforme a comunicação pública do Estado. Aproximam digitalmente políticos e governantes com a população, como: blogs, Facebook, Instagram, Twitter e outros.
Propaganda	Atualmente, a propaganda ganha um conceito mais próximo da publicidade, e nisso, Weber destaca quatro definições de publicidade indicadas pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom): publicidade de utilidade pública (divulgar os direitos, produtos e serviços à disposição do cidadão), publicidade institucional (divulgar atos, programas, obras, campanhas do Poder Executivo com o objetivo de valorizar as instituições públicas), publicidade legal (disponibilizar balanços, atos, editais com o objetivo de atender a prescrições legais) e publicidade mercadológica (lançar e promover produtos de órgãos e entidades que atuem em relação de concorrência de mercado). Dentre a gama de ferramentas possíveis para uso estão: adesivos, banners, brindes, folders, campanhas publicitárias e outros.
Relações Públicas	Atividades que abrangem formas de relacionamento da instituição com o uso de procedimentos, instrumentos e canais que permitem o diálogo personalizado entre um cidadão e o agente público por meio de eventos, agenda-se a imprensa e promovem-se projetos políticos, partidários, governamental ou social.

Fonte: Weber (2011).

Ao governo, cabe a tarefa de utilizar, em potencial, cada um dos canais ou modalidades de comunicação de acordo com as características que melhor cabe para cada meio, de forma responsável, ética e democrática. Como exemplos do governo Bolsonaro, nas redes sociais digitais, o Presidente da República divulga informações do Estado, tomadas de decisões em suas redes pessoais e faz comentários pessoais sobre os temas, o que segue a contramão do crivo das informações a serem divulgadas e compartilhadas, tanto no período mais grave de enfrentamento da pandemia quanto no menos urgente. No aspecto das relações públicas, o governo não conseguiu construir uma relação amistosa com a imprensa, sobretudo com os principais veículos privados, como a Rede Globo. Era comum

ataques diretos ao canal carioca e, por vezes, impedidos de participar da cobertura de eventos públicos.

Aliado aos itens acima, mas ainda sob um aspecto mais geral, Weber (2011) adiciona as estratégias desta comunicação aos meios acima citados. E, em mais uma vez, organizados em síntese:

Quadro 2 - Estratégias de comunicação de Estado

Visibilidade	Tem papel fundamental para a democracia e é uma das estratégias de sustentação do sistema de comunicação do Estado. A internet aumentou as possibilidades ao Estado como ferramenta de ampliação do discurso, como os portais de transparência.
Credibilidade	A amplificação do discurso sobre o modo de governar que reafirme a credibilidade já conhecida dos seguintes elementos em governos democráticos: eleições livres, existência da esfera pública, cumprimento da constituição e seus ditames jurídicos e a existência da imprensa livre. A amplificação de temas e informações permite espaço no debate público e disputar credibilidade.
Autonomia	O sistema de comunicação pública é autônomo, uma vez que é capaz de manter uma produção contínua de informações.
Relacionamento direto	Ao qualificar o acesso público, via tecnologia, a documentos, notícias e projetos, o Estado estabelece linhas diretas com os cidadãos, presta serviços e viabiliza interatividade, o compartilhamento de programas, a pesquisa para qualquer finalidade, público ou projeto.
Propaganda	A propaganda é colocada como estratégia de comunicação a partir da identificação possível da vinculação entre informação e persuasão. Esta última, em governos democráticos, é complexa e sutil e depende da eficaz associação entre informações, projetos experimentados e também da publicidade sobre o projeto político, programas de governo.
Imagem Pública	O somatório de todas as estratégias acima. A Imagem Pública tem como estatuto as disputas e os pactos estratégicos em busca de credibilidade dependente da ação política, da visibilidade pública

	e dos complexos processos de recepção individuais e coletivos.
--	--

Fonte: Weber (2011).

Em uma comunicação harmônica, mas ainda que não utópica, de governo, todas elas devem ser exploradas em maior ou menor escala, mas não supervalorizar uma delas e muito menos ignorar outras. No governo Bolsonaro, ao restringir a divulgação da disseminação do vírus, durante a pandemia, perdeu-se o valor de visibilidade. A credibilidade foi afetada ao censurar a presença de veículos de comunicação em coletivas de imprensa, como Globo e Folha de S. Paulo, que apresentavam notícias contrárias à condução da administração pública.

Dentre os ambientes e temáticas sociais dos quais a comunicação pública adentra e deve abordar está a saúde - pilar fundamental e direito constitucional do cidadão. Se a comunicação pública demonstra-se essencial em um governo democrático, quando contempla a saúde da população, esta assume papel e compromisso prioritário.

Em um cenário de Emergência de Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN), como esteve o Brasil a partir da portaria de número 188 de 3 de fevereiro de 2020, era de se esperar maior rigidez com os processos, estratégias e valores acima indicados, mas percebeu-se um cuidado robusto com a imagem pública. Toda decisão envolve ganhos e perdas, e nesta conta, a perda foi em vidas - quase 700 mil até maio de 2022, segundo a Our World in Data.

O governo de Jair Messias Bolsonaro agiu na contramão das indicações médicas e de comunicação ao: minimizar a dimensão do novo coronavírus, ser contrário ao isolamento social e de máscaras como método eficaz de disseminação do vírus, indicar remédios sem comprovação científica e questionar a eficácia da vacinação². Tais manifestações ocorreram em discursos oficiais em lives extra oficiais nas contas da rede social particular do presidente. Essa postura de comunicação privada, em frequência diária e não planejada gerou ruídos na comunicação e dualidades no discurso, bem como a divulgação de fake news que gerou dúvidas na população sobre o enfrentamento do vírus.

²

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml>. Acesso: 18 nov. 2022.

Em reportagem do Portal Metr p les, o site de vídeos Youtube removeu 14 lives do presidente alegando justamente a divulga o de notícias falsas e corroborando com a não-conformidade de uma comunica o dúbia.

Após análise cuidadosa, removemos vídeos do canal Jair Bolsonaro por violar nossas políticas de informa es médicas incorretas sobre a Covid-19. Nossas regras não permitem cont do que afirma que hidroxicloroquina e/ou ivermectina são eficazes para tratar ou prevenir Covid-19; garante que há uma cura para a doença; ou assegura que as máscaras não funcionam para evitar a propaga o do vírus (METRÓPOLES, 2021).

3 Comunicação Pública na Crise de COVID-19

3.1 O “público” e a comunicação pública

Antes mesmo de adentrar nas compreensões sobre a comunicação pública e saúde pública, é válido entender antes sobre o que é “público”, na visão da definição, etimológica, e do campo das relações públicas.

Partindo da definição do dicionário Michaelis (2022),

“público” é: 1) relativo à população, povo ou coletividade, 2) relativo ao governo de uma nação, 3) que pertence a todas as pessoas, 4) que pode ser feito diante de todos, 5) do conhecimento de todos, 6) em que não há segredo, 7) mundialmente divulgado e 8) diz-se de lugar onde qualquer um pode vê-lo ou ouvi-lo (Michaelis, 2022).

Etimologicamente, a palavra “públicos” vem do Latim *publicus*, ‘relativo ao povo’, de *populus*, ‘povo’, possivelmente derivado do Etrusco. Também adquiriu o significado de ‘aberto a toda a comunidade’, em oposição a ‘privado’ (ORIGEM DA PALAVRA, 2022). Até aqui fazem sentido e dialogam com “comunicação pública”, por ter como proposta tratar de assuntos de interesse público e coletivo, de modo aberto, e com relações ao governo de uma nação.

No campo das relações públicas, Fábio França, um dos principais teóricos da área desenvolve o levantamento da conceituação de “público” por diferentes estudiosos sobre o tema, nacionais e internacionais, e por fim, qualifica que a melhor definição é de Herbert Blumer, endossada por Cândido Teobaldo de Andrade e James Grunig. Para Blumer, em “A massa, o público e a opinião pública (1971, p.181):

Público é um grupo de pessoas que: 1) Estão envolvidas em uma dada questão / 2) Que se encontram divididas em suas posições diante dessa questão / 3) Discutem a respeito do problema (BLUMER, 1971, p. 181 apud FRANÇA, 2008, p.14).

Entretanto, ainda que público possa ser compreendido como um grupo de pessoas envolvidas em determinado aspecto, não pode ser confundido como uma massa homogênea. França (2008) aponta as compreensões de Andrade e Dennis Wilcox acerca deste aspecto em que público não seria um todo monolítico, ao contrário, é uma mescla complexa de grupos com diversos enfoques culturais, étnicos, religiosos e econômicos, e cujos interesses às vezes coincidem e outras

vezes entram em conflito (ANDRADE, 1989, p. 68 e WILCOX, 2001, p. 249 apud FRANÇA, 2008, p. XVIII).

Desta maneira, a comunicação pública não deve ser realizada sem compreender a quem se destina e ainda menos classificá-la, ainda que inconsciente como uma massa de indivíduos iguais. Eis um dos desafios que convergem comunicação pública e democracia.

A comunicação pública eficiente é um dos sinais da vitalidade democrática, uma vez que comunicação pública envolve valores como transparência, acesso à informação, interação do cidadão com os órgãos públicos, ouvidoria e promove a cidadania e democracia, segundo a FSB, agência de comunicação especializada em reputação e imagem (FSB, 2021).

Mariângela Haswani (2013), em sua obra *Comunicação Pública* direciona que é a partir da disseminação aberta e irrestrita da informação do setor público que é promovida a melhoria do bem-estar social geral.

[...] o bem-estar público sempre será melhor proporcionado se houver disseminação da informação e o povo tiver acesso a ela, em vez da abordagem paternalista de um governo que decide em nome do povo e à revelia deste (HASWANI, 2013, p. 101).

A comunicação pública parte, por essência, da postura propositiva daqueles que detêm o poder e a informação, e seu compromisso democrático de torná-la pública, de conhecimento geral. Assegurado o compromisso, faz-se comunicação pública por meio de ferramentas à disposição do poder público para sua divulgação, das mais tecnológicas às tradicionais.

Entretanto, a comunicação pública transparente e disseminada independe da tecnologia de seu tempo, apesar de seu reconhecido papel facilitador. Haswani (2013) pontua que a tecnologia funcionaria apenas como ferramenta/instrumento do exercício de transparência e comunicação, e não como a solução do problema.

[...] tecnologia é um valor relativo porque a abertura desses canais dependerá de vontades políticas sazonais, se não estiver contemplada em algum dispositivo legal. Assim, mesmo o portal mais perfeito de governo poderá omitir informações, permanecer desatualizado por meses, não retornar as mensagens deixadas nos campos apropriados (fale conosco, ouvidoria etc.): a tecnologia estará lá, presente, avançada, mas sem os conteúdos e a atenção que lhes daria vida (HASWANI, 2013, p. 99).

A autora sugere olhar com reserva sobre a empolgação de estudiosos que veem na internet a solução definitiva para as dificuldades que envolvem as relações entre a administração pública e população, e Haswani (2013, p. 99) conclui que um serviço de má qualidade inserido na internet apenas trará agilidade para um serviço ruim.

3.2 Saúde Pública

Em fácil consulta à Constituição Federal de 1988, no artigo 196, encontra-se a seguinte definição sobre como a República Federativa do Brasil compreende a saúde.

A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação (BRASIL, 1988).

Enquanto direito social, a Constituição Federal determina as obrigações e responsabilidades sobre a saúde pública nos artigos 23, 24 e 30:

Art. 23. É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios: [...] II - cuidar da saúde e assistência pública, da proteção e garantia das pessoas portadoras de deficiência.

Art. 24. Compete à União, aos Estados e ao Distrito Federal legislar concorrentemente sobre: [...] XII - previdência social, proteção e defesa da saúde.

Art. 30. Compete aos Municípios: [...] VII - prestar, com a cooperação técnica e financeira da União e do Estado, serviços de atendimento à saúde da população (BRASIL, 1988).

Ainda sobre a divisão e responsabilidades nas esferas municipais, estaduais e da União, com base no Sistema Único de Saúde (SUS), Fernando Mussa Abujamra Aith (2008, p. 91-92 apud CRUZ, 2014, p. 147) apresenta os deveres de cada um deles, mas aqui destacada a função da União: exercer a gestão do SUS a nível nacional; promover as condições e incentivar o gestor estadual com vistas ao desenvolvimento dos sistemas municipais para formar o SUS estadual; fomentar a harmonização/integração e modernização dos sistemas estaduais para compor o SUS nacional; e exercer as funções de normatização e coordenação quanto à gestão nacional do SUS.

Tendo isso em vista, é função do governo federal, bem como sua liderança que, sob o aspecto da transparência da informação e compromisso com a saúde pública, não meça esforços a fim de antecipar ações e trabalhar de forma técnica aliada à ciência, sobretudo em períodos de emergência em saúde pública, como a recente enfrentada durante a pandemia do COVID-19.

3.3 O vírus no Brasil e no mundo

Em dezembro de 2019, mais precisamente no dia final (31) daquele ano, a Organização Mundial da Saúde (OMS) é notificada sobre uma série de casos de pneumonia (até então assim compreendida) advindos da cidade de Wuhan, na China.

Conforme retoma a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS, 2022), em cronologia sobre a doença, em 7 de janeiro de 2020, autoridades chinesas confirmam a identificação de um novo tipo de coronavírus - vírus comum de resfriados leves. Passados 4 dias após a identificação do novo coronavírus, é confirmada a primeira morte no mundo, em Wuhan, causada pela então “misteriosa pneumonia viral” - assim classificada à época pelo Portal de Notícias G1³.

Em 30 de janeiro de 2020, a OMS declara estado de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional⁴, o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional (OPAS, 2022). No Brasil, no dia 03 de fevereiro de 2020, o então ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta assina a portaria nº 188 que declara Emergência em Saúde Pública de importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV). O primeiro caso do novo coronavírus foi identificado em 25 de fevereiro de 2020, em um homem de 61 anos de São Paulo⁵.

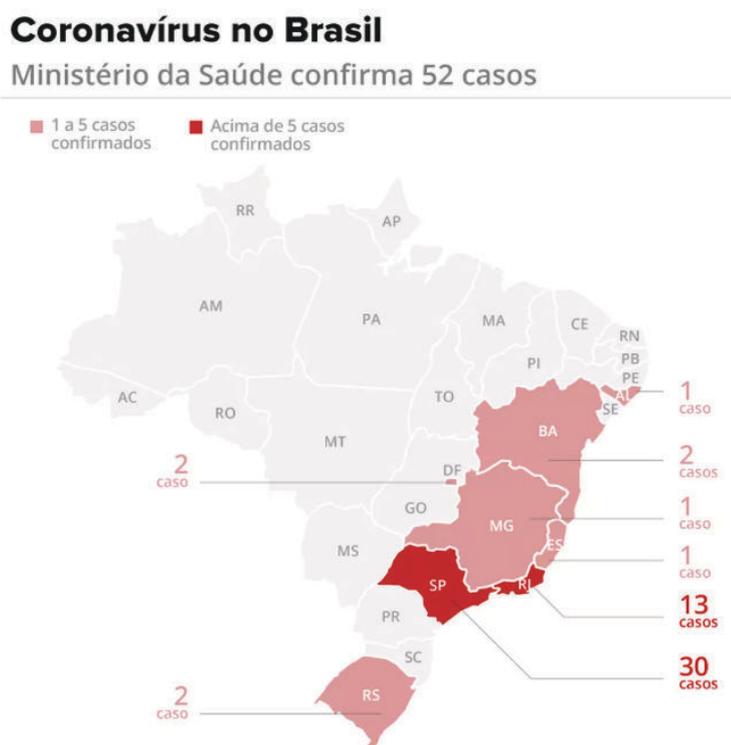
³ China tem 1ª morte por misteriosa pneumonia viral. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/01/11/china-tem-1a-morte-por-misteriosa-pneumonia-viral.g.html>>. Acesso em: 24 out. 2022.

⁴ OMS declara emergência de saúde pública global por surto de novo coronavírus. Disponível em: <<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral.oms-declara-emergencia-de-saude-publica-global-por-surto-de-coronavirus.70003178909>>. Acesso em: 24 out. 2022.

⁵ Brasil confirma primeiro caso do novo coronavírus. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/02/brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus.shtml>>. Acesso em: 24 out. 2022.

Em 11 de março de 2020, a OMS classifica a COVID-19 como uma pandemia - classificação que faz referência à distribuição geográfica da doença, em todo o globo, e não necessariamente à sua gravidade. No Brasil, à época, já eram registrados 52 casos de contaminação, em sua maioria, em São Paulo e Rio de Janeiro.

Figura 1 - Coronavírus no Brasil



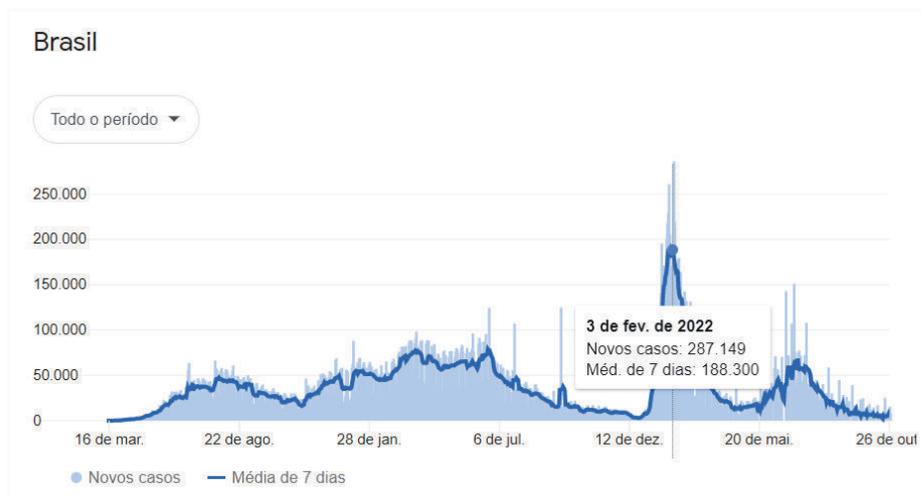
Fonte: G1 (2020)

No dia seguinte, 12 de março, era registrada a primeira morte por coronavírus no país confirmado pelo Ministério da Saúde⁶ - uma mulher de 57 anos, que havia dado entrada um dia antes no Hospital Municipal Dr. Carmino Caricchio, no bairro do Tatuapé, em São Paulo.

A partir de então, inicia-se uma escalada de casos e mortes causada pelo coronavírus no Brasil, com seus maiores picos de contaminação e mortes em 03 de fevereiro de 2021 e 08 de abril de 2021, respectivamente, conforme dados da Universidade Johns Hopkins.

⁶ Primeira morte por COVID-19 no país ocorreu em 12 de março em SP, diz ministério. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/primeira-morte-por-covid-19-no-pais-ocorreu-em-12-de-marco-e-m-sp-diz-ministerio/>>. Acesso em: 24 out. 2022.

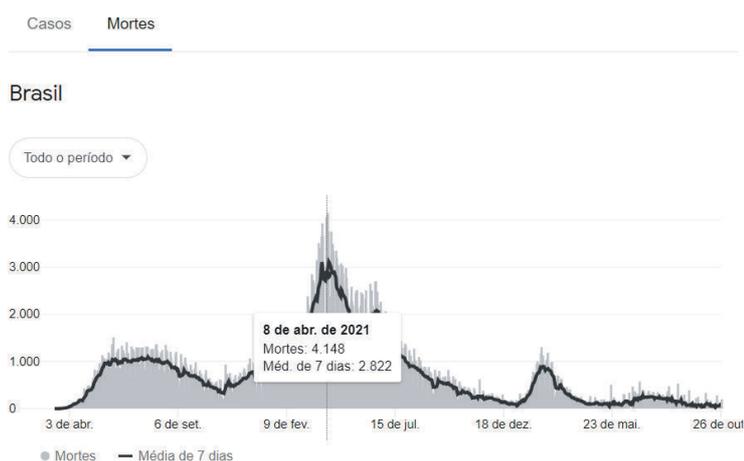
Figura 2 - Casos de infecção por coronavírus no Brasil (03/2020 até 10/2022)



Fonte: Universidade Johns Hopkins (2022)

O gráfico acima representa todo o registro de casos de infectados pelo novo coronavírus identificados no Brasil pelo período de março de 2020 até outubro de 2022, com destaque ao maior pico em 03 de fevereiro de 2022 com mais de 287 mil casos.

Figura 3 - Mortes por coronavírus no Brasil (03/2020 até 10/2022)



Fonte: Universidade Johns Hopkins (2022)

O gráfico acima aponta o número de mortes registradas pelo novo coronavírus no Brasil no período de março de 2020 até outubro de 2022, com destaque para o maior pico em 08 de abril de 2021 com 4.148 mortes.

Conforme indica o gráfico, os maiores picos de contaminação coincidem com períodos de aglomerações, festas e reuniões familiares: contaminação recorde em janeiro de 2021 e registro recorde de mortes em abril de 2021. Vale lembrar que dentre as principais recomendações médicas, em nome da OMS, era o uso de máscaras, evitar aglomerações, a higienização constante das mãos e a vacinação, claro, tão logo disponível.

4 Pesquisa de Campo: Os Efeitos da Comunicação Errática

4.1 A conduta do Presidente durante a pandemia

Como já compreendido e anteriormente citado, prover e disponibilizar uma estrutura e condições para a saúde pública é um dever do Estado garantido pela Constituição Federal de 1988. No âmbito da saúde, o embasamento técnico é fundamental para o cumprimento deste dever, bem como a manutenção da governança da pasta. Entretanto, durante o enfrentamento do COVID-19, não foi assim que se sucedeu a administração.

Em um período de aproximadamente um ano de enfrentamento do COVID-19 como pandemia, o governo brasileiro realizou quatro trocas de ministros da saúde por desalinhamento ideológico entre o chefe de estado e a condução da pasta. Tal ação não é recomendada e indicou a ausência de um projeto político para a saúde da parte do governo como indica especialistas, como Alcides Silva de Miranda, professor do Programa de Pós-graduação em Saúde Pública da UFRGS e coordenador da comissão de Política, Planejamento e Gestão da Abrasco (Associação Brasileira de Saúde Coletiva)⁷.

O Governo Federal, em face do Presidente da República, tomou e insistiu em atitudes contrárias às recomendadas pela OMS, como listadas abaixo:

- 1) O Presidente Jair Bolsonaro foi contrário ao uso de máscaras;

Em algumas oportunidades, ainda no ápice da contaminação, Bolsonaro não usava máscara e ainda dava declarações sobre uma falsa ineficácia, especialmente quando estava junto dos seus apoiadores. Em agosto de 2020, durante uma manifestação pró-governo, o presidente se aproxima de uma mulher para fazer uma foto e declara que a eficácia da máscara é quase nula⁸.

⁷ Covid-19: “Troca de ministros é sintoma de doença mais grave”, afirma especialista em saúde coletiva. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/humanista/2021/03/25/covid-19-troca-de-ministros-e-sintoma-de-doenca-mais-grave-afirma-especialista-em-saude-coletiva/>. Acesso em: 02 nov. 2022.

⁸ Bolsonaro diz que máscara tem eficácia quase nula; ciência aponta proteção. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/08/19/bolsonaro-mascara-eficacia.htm>. Acesso em: 25 out. 2022.

Figura 4 - Reportagem do UOL em que Bolsonaro é contrário ao uso de máscaras



Fonte: UOL (2020)

A declaração de Bolsonaro vai na contramão do que atesta a ciência e autoridades sanitárias da OMS, como indica a reportagem do UOL⁹.

2) O Presidente Jair Bolsonaro participou de manifestações contra o STF e foi conivente com aglomerações;

No dia 15 de março de 2020, após 3 dias do primeiro registro de morte pelo novo coronavírus, Bolsonaro participa de manifestação pró-governo, e contra o Congresso e Superior Tribunal Federal em Brasília¹⁰.

⁹ É falso que máscaras não ajudam a controlar pandemia. Ciência atesta eficácia. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/comprova/ultimas-noticias/2020/08/07/e-falso-que-mascaras-nao-ajudam-controlar-pandemia-ciencia-atesta-eficacia.htm>>. Acesso em: 25 out. 2022.

¹⁰ Bolsonaro ignora a crise do coronavírus, estimula e participa de ato pró-governo e contra o Congresso e o STF. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/bolsonaro-deixa-isolamento-do-coronavirus-e-de-carro-participa-de-ato-pro-governo-na-esplanada.shtml>>. Acesso em: 25 out. 2022.

Figura 5 - Bolsonaro posa em foto com apoiadores em manifestação antidemocrática



Fonte: Folha de S.Paulo (2020)

As aglomerações com participação e endosso do presidente se repetiram ao longo de 2020 e 2021, em atos de maio de 2020¹¹ e setembro de 2021¹², sempre com temáticas semelhantes pró-governo e contra o STF.

3) O Presidente Jair Bolsonaro recomendou e insistiu em remédios comprovadamente ineficazes para tratamento precoce do vírus;

¹¹ Ato contra STF e pró-intervenção tem Bolsonaro com criança e uso de cavalo. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/31/protestos-brasilia-31-de-maio.htm>>. Acesso em: 25 out. 2022.

¹² Manifestantes fazem atos a favor de Bolsonaro no 7 de setembro. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/09/07/manifestantes-fazem-atos-a-favor-de-bolsonaro-no-7-de-setembro.ghtml>>. Acesso em: 25 out. 2022.

Figura 6 - Reportagem de O Globo faz levantamento de declarações de apoio de Bolsonaro à cloroquina



The image shows a screenshot of a news article from O Globo. The header includes the O Globo logo, the word 'POLÍTICA', a yellow 'Assine' button, and social media icons for Facebook, Twitter, and Instagram. The article title is 'Bolsonaro defendeu uso de cloroquina em 23 discursos oficiais; leia as frases'. Below the title is a sub-headline: 'Histórico de declarações públicas do presidente atrapalha a narrativa de Pazuello na CPI da Covid'. The author is 'Rayanderson Guerra' and the date is '20/05/2021 - 04:30'. To the right of the text is a photograph of Jair Bolsonaro in a dark suit, holding a small white box of chloroquine in his right hand. The caption below the photo reads: 'Bolsonaro com caixa de cloroquina na mão Foto: ADRIANO MACHADO / Reuters'.

Fonte: O Globo (2021)

Em levantamento do Globo.com, Bolsonaro defendeu o uso de cloroquina ao menos 23 vezes em discursos oficiais¹³, mesmo que antes de iniciar a divulgação do remédio, a OMS já havia declarado sua ineficácia¹⁴.

4) O Presidente Jair Bolsonaro atrasou a compra de vacinas ao alegar que não havia oferta;

¹³ Bolsonaro defendeu uso de cloroquina em 23 discursos oficiais; leia as frases. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-defendeu-uso-de-cloroquina-em-23-discursos-oficiais-leia-as-frases-25025384>>. Acesso em: 24 out. 2022.

¹⁴ OMS anuncia ineficácia de quatro medicamentos contra o coronavírus. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/10/16/oms-anuncia-a-ineficacia-de-quatro-medicamentos-contr-o-coronavirus.ghtml>>. Acesso em: 24 out. 2022.

Figura 7 - Reportagem do UOL em que contesta-se a falta de vacina para compra



Fonte: UOL (2022)

Em julho de 2022, Jair Bolsonaro disse em live que não havia oferta de vacinas em 2020. Entretanto, em maio de 2020, dois meses após a OMS declarar a COVID-19 como pandemia, já haviam três ofertas de vacina da Pfizer que haviam sido ignoradas para serem disponibilizadas em dezembro de 2020, segundo o Carlos Murillo, CEO da farmacêutica¹⁵.

A conduta do presidente até então é criticada pela imprensa pela insensibilidade do governo sobre a saúde pública, atos contrários às recomendações do governo e o que representava apoiar e participar de manifestações e aglomerações em um período em que indicava-se mais adequado a reclusão para evitar a disseminação do vírus.

4.2 Focus Group

4.2.1 Justificativa

Durante a elaboração desta pesquisa, viu-se a necessidade de averiguar se os pontos apresentados como possíveis falhas de comunicação ou de conduta do

¹⁵ 'Não tinha pra vender': Bolsonaro mente sobre atraso em compra de vacina. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2022/07/22/nao-tinha-pra-vender-bolsonaro-ment-e-sobre-atraso-em-compra-de-vacina.htm>>. Acesso em: 24 out. 2022.

Presidente da República também eram refletidos em depoimentos pela população brasileira. Como amostra, delimitou-se um grupo de estudantes de alguns cursos de graduação da Fundação Escola do Comércio Álvares Penteado. No total, nove estudantes sendo: (2) Economia, (2) Secretariado, (1) Ciências Contábeis, (2) Relações Públicas e (2) Publicidade e Propaganda. Os respondentes foram informados que o Focus Group tratava-se de uma sondagem sobre como foi a relação deles durante a pandemia. O tema da pesquisa foi informado somente após a conclusão do Focus Group a fim de não enviesar as respostas.

A dinâmica mostrou-se rica em conteúdo, com pontos de vista que fluuavam entre posicionamentos profissionais - ao observarem sob ótica da área de estudo - e pessoais. Os apontamentos, em geral, direcionaram para críticas ao governo federal, ao Presidente da República, e ao papel da mídia durante a pandemia.

4.2.2 Análise

Na abertura e primeiras perguntas, um dos participantes indicou que o pai tomou remédios para tratamento precoce contra a COVID-19 por indicação médica e salientou que parte disso se deve a fatores políticos:

Mauricio: O meu pai sempre foi fanático politicamente, então já tinha uma certa tendência a seguir o que era falado na vertente, mas ele não chegou a tomar precocemente. Ele tomou quando de fato o médico falou lá. Foi o que eu falei (ele questionando o pai): “ah, você vai tomar mesmo?”, porque eu falei que não iria tomar porque o meu médico não me receitou isso. Se ele (médico) tivesse receitado, eu tomaria também. Então acho que as duas coisas compactuaram pra isso (informação verbal)¹⁶.

Quando perguntado sobre quem poderia ter influenciado na decisão das pessoas terem tomado remédios ineficazes, o Presidente da República é citado:

Matheus: [...] As pessoas, quando entrou a pandemia, não tinham muita referência do que fazer porque foi algo novo para 90% das pessoas, e resolveram usar de base as informações que o governo passava, mas no caso não eram muito de confiança. (As informações) não passavam tanta credibilidade, porque, cientificamente falando, não eram medicamentos eficazes e era literalmente para autopromoção do presidente. Foi algo em

¹⁶ Parte da entrevista feita pelo autor, presente no Apêndice.

que as pessoas buscaram refúgio em algo vazio porque não tinha fundamento (informação verbal)¹⁷.

A mídia, atrelado ao isolamento social, ganhou maior poder de influência sobre as pessoas segundo o ponto de vista de alguns entrevistados:

Mariana: [...] se a gente for olhar desse modo, você tem pessoas de diversas idades que ficaram muito tempo sozinhas, então a gente também tem a questão da mídia. Vamos pensar em uma situação de uma senhora que está em casa sozinha. Ela não tem proximidade com a família, não tem uma tecnologia ali que ela conhece, ela vai ter influência daquilo que ela vê na televisão. Então ela vai falar: “não, não tenho com quem consultar, não tenho como... ah, tá certo ou não tá?”. Eu acho que grande parte (do consumo) foi por influência (informação verbal)¹⁸.

Quando questionado se fatores políticos influenciaram na tomada de decisão para uso ou não de remédios para tratamento precoce, as respostas indicaram que sim, e para ambos os lados políticos (pró ou contra o governo - até mesmo estaduais).

Matheus: Ah, eu acredito que teve uma grande influência, bem grande mesmo, porque como foi (falado) anteriormente, as pessoas não tinham muito recurso, ninguém imaginava o que poderia acontecer, e as notícias que todo mundo via era que quem pegava covid, 2-3 dias morria porque é uma doença muito forte, então o modo que foi passado pelo governo de que seria uma medicação pra combater, foi algo muito desesperador para as pessoas porque ninguém sabia se aquilo era verdade, se aquilo era certo (informação verbal)¹⁹.

Outro ponto levantado pela maioria foi o receio sobre determinadas vacinas, a preocupação com reações e/ou ineficácia. Quanto à preocupação das reações, Astrazeneca e Coronavac foram mais lembradas, e esta última também citada muitas vezes e classificada, à época, como ineficaz. Coronavac é a vacina produzida pelo Instituto Butantan - brasileira.

Para compreender sobre de onde os entrevistados tiravam informações e conclusões sobre a ineficácia da vacina, os respondentes indicaram que havia uma participação da mídia de massas, mas principalmente pelo conteúdo consumido nas redes sociais como Instagram, Tik Tok e Twitter. O grau de confiabilidade do conteúdo aumentava de acordo com a proximidade das pessoas que

¹⁷ Parte da entrevista feita pelo autor, presente no Apêndice.

¹⁸ Parte da entrevista feita pelo autor, presente no Apêndice.

¹⁹ Parte da entrevista feita pelo autor, presente no Apêndice.

compartilhavam as postagens. As redes sociais tomaram um papel protagonista no consumo de notícias, sobretudo nesta faixa etária.

Mariana: Pessoas próximas, assim eu digo, não amigos, mas você vê pessoas na sua faixa etária que colocam no Instagram, Tiktok, Twitter, e aí você fica tipo: “nossa, será que aconteceu mesmo?”. Até pessoas próximas, o que me recorda alguns comentários que tipo “nossa, como é isso? Meu braço também vai doer? (informação verbal)²⁰.

Em uma análise mais ampla sobre como o governo federal lidou com a pandemia, houve uma compreensão que na economia o país foi bem administrado, considerando os impactos que o país enfrentou, mas foi criticado na condução da saúde pública quanto à troca de 4 ministros em um período de um ano e a postura do Presidente quanto à comunicação.

Beatriz: [...] Não existiam manifestações e declarações formais tanto quanto as informais, e isso criava muitos ruídos na comunicação. Então você abria o Twitter e a primeira coisa que você via era a declaração de um político falando alguma coisa na sala da casa dele, ou no meio da rua, e você não tinha uma nota oficial, não tinha realmente ali uma informação da política falando aquilo que eles acreditavam como governo. Era tudo muito da opinião e do momento.

Mauricio: Eu acho que aconteceu muito com as pessoas, principalmente essa parte dos políticos e os governos eles confundirem muito o que é o meu pessoal e o institucional. Então um presidente falava, o que ele falava era para um executivo inteiro, mas nele existem diversas pessoas, com diversas opiniões diferentes, pareceres técnicos diferentes e acumulou para tudo isso aí, também.

Kaylane: Isso do político da minha cidade falar uma coisa, o do meu estado falar outra e o do meu país falar outra, em quem eu devo acreditar? Quem apita mais alto pra eu entender o que tão falando. Então eu confundia muito todas as informações que passaram para mim (informação verbal)²¹.

4.3 Entrevista em profundidade

Ao colher o parecer da imprensa brasileira sobre a conduta do presidente da república e perceber que se alinharam às percepções do grupo focal, a etapa seguinte foi a realização de entrevistas em profundidade com representantes de órgãos de saúde do país para colher suas percepções e análises. Para isso, foram contatados os representantes dos seguintes órgãos: Conselho Federal de Medicina (CFM), Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (CREMESP),

²⁰ Parte da entrevista feita pelo autor, presente no Apêndice.

²¹ Parte da entrevista feita pelo autor, presente no Apêndice.

Associação Médica Brasileira (AMB), Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Instituto Butantan e Associação Brasileira de Planos de Saúde (ABRAMGE). A proposta inicial da pesquisa tinha por objetivo entrevistar médicos ou representantes legais dessas instituições. Entretanto, por indisponibilidade de agenda, foi possível contatar porta-vozes das entidades. Dos seis órgãos contatados, foi possível retorno e agendamento de entrevista de: Vivian Retz - Gerente de Comunicação do Instituto Butantan e Gustavo Sierra - Gerente de Comunicação e Porta-voz da ABRAMGE.

Com a mesma pauta de questões, as perguntas para ambas entrevistas estiveram voltadas para inicialmente percepções pessoais sobre o enfrentamento do vírus, e em seguida um série de questões voltadas para o posicionamento da instituição sobre remédios para tratamento precoce e vacinação, influências políticas durante o processo e avaliação do governo federal.

Dando abertura as questões pessoais, sobre contaminação do COVID e uso de medicamentos precoces, Gustavo informou que foi infectado pelo vírus somente em janeiro de 2022 pela variante ômicron, e que consideraria tomar a cloroquina caso tivesse sido infectado na primeira onda de transmissão do vírus em 2020. Entretanto, neste ano, como já estava claro que o medicamento não tinha efeito, nem ele e nem ninguém de sua família tomou o remédio.

Questionado sobre o posicionamento da ABRAMGE sobre a recomendação ou não de medicamentos para tratamento precoce do vírus, Gustavo cita que não houve posicionamento da associação, até mesmo por não ser da alçada da ABRAMGE, uma vez que representa as operadoras de planos de saúde e não faz qualquer tipo de recomendação medicamentosa ou clínica. O gerente de comunicação lembra que a principal participação da ABRAMGE durante a pandemia foi atuar fortemente nas negociações para aprovação com a ANVISA para importações de outros medicamentos durante os picos da pandemia, sobretudo pertencentes ao kit entubação.

Quando perguntado sobre de quem foi a influência sobre a recomendação do uso de medicamentos precoces, Sierra retoma que foi a partir do momento que o presidente declara ser favorável ao uso que as críticas contrárias surgem fortemente, e classifica o presidente como alguém “difícil”.

Gustavo: [...] Eu lembro bem que a movimentação contrária foi a partir do momento que o presidente Bolsonaro falou que era a favor. Aí teve um movimento contrário muito forte. Até por conta dele ser muito sempre, bem,

enfim, todo mundo conhece a pessoa, ele é um cara difícil e ele tinha uma crítica muito pesada. Então, tudo que ele falava tinha uma crítica em cima dele muito forte (informação verbal)²².

Sobre a avaliação do governo federal durante a pandemia, Gustavo diz que a entidade não teria nada a dizer, mas em sua percepção pessoal lembra que o setor privado apoiou muito o setor público com liberação de leitos e que uma das operadoras de planos de saúde havia se antecipado sobre a pandemia e comprou respiradores antes mesmo do agravamento. Sobre vacinas, Gustavo lembra o oferecimento de vacinas de uma agência (sem citar o nome) para vacinação no Brasil, mas que não teve retorno, e acredita que provavelmente de fato isso tenha acontecido. Mas também faz críticas à imprensa por desconhecer o processo burocrático natural da compra e aprovação de vacinas a que todas entidades estão sujeitas.

Gustavo: [...] Nós fizemos um evento com fabricantes de vacinas, foram três, se não me engano. Foram Janssen...e estava o Gustavo que era responsável pela área de vacinação da ANVISA. E ali, naquele momento no Congresso estava um debate muito grande para liberar ou não a vacina para crianças e aí ele falou: “Gente, está tendo essa crítica na imprensa, mas a gente está esperando a documentação das fabricantes. Elas não mandaram.” E aí teve alguém das fabricantes que pediu a voz e falou “É isso mesmo. A gente deve enviar entre hoje e amanhã”. Então a gente vê na comunicação essa falta de informação também, né? (informação verbal)²³.

Na entrevista em profundidade com a Vivian Retz do Instituto Butantan, a jornalista relata ter tido COVID em abril de 2021, logo após ter tomado as duas doses da vacina, e que não tomou remédios para tratamento precoce, mas sabe que tios e primos distantes tomaram.

Questionada sobre o posicionamento do instituto sobre a recomendação ou não do uso desses medicamentos, Vivian esclarece que o Butantan preconiza o estudo científico, e por isso, nas interações das redes sociais do Instituto, a recomendação era para as pessoas se vacinarem, usarem máscaras e manterem o distanciamento social, pois seguiam as recomendações comprovadas de acordo com a OMS. E lembra que o papel do Butantan foi sempre trazer a informação, mas não fazer juízo de valor sobre quais as contra-indicações de vacinas de outros

²² Parte da entrevista feita pelo autor, presente no Apêndice.

²³ Parte da entrevista feita pelo autor, presente no Apêndice.

laboratórios, por uma questão ética e por reconhecer que a vacinação era muito mais importante do que qualquer aspecto comercial.

Vivian: [...] A gente nunca adotou a postura de diminuir nada, exemplo: “A nossa vacina é melhor!”. Não, todas as vacinas são importantes. A gente entendia que tinha que ter um planejamento do SUS mesmo em indicar “Astrazeneca não é recomendada para grávidas”, mas meio que não teve isso. As pessoas ficaram pela própria sorte. Mas a postura do Butantan foi sempre dar a notícia, nunca fazer juízo de valor (informação verbal)²⁴.

Quando perguntado sobre a avaliação do presidente em sua postura de insistência em remédios comprovadamente ineficazes, Vivian lembra que o resultado disso foram as 700 mil mortes e que isso se deve a uma pessoa leiga falando sobre saúde, lamenta. Reconhece a influência política na tomada de decisão do uso dos remédios e cita o estudo da USP “COVID-19: Políticas Públicas e as Respostas da Sociedade”²⁵ em que é indicado um levantamento sobre os ataques à CoronaVac, quantitativa e qualitativamente pelo Presidente da República, e o quanto tais discursos estavam amplamente alinhados com as manifestações de ativistas ‘antivaxxers’ (contrários à vacinação).

Vivian: Como é que de repente as pessoas começam a querer saber marca de vacina e rejeitar a vacina? E de mal a mal, a grande imprensa acabou comprando essa ideia. Colocou-se uma pulga atrás da orelha mesmo. [...] E quando a gente vê isso, a USP faz um estudo e a gente vê que na verdade isso foi orquestrado. Não foram pessoas que do nada começaram a colocar mentiras sobre a Coronavac. Isso foi planejado, financiado, teve envolvimento do governo federal. Com esse estudo, a gente começa a perceber que sempre que tem um ataque à vacina no dia, à noite o presidente que é o maior líder do país vai lá, fala alguma coisa na mesma linha do que está sendo falado no dia. Então ele (presidente) começa a falar “Eu não vou comprar essa vacina”, “Essa vacina é esquisita”, “As pessoas vão virar jacaré”. Então, vai se criando um ambiente que as pessoas vão começando a ficar desconfiadas. E aí na dúvida você não vai se arriscar, vou tomar da outra (informação verbal)²⁶.

Retz alerta sobre o impacto das notícias falsas que tanto circularam durante o período de maior infecção e vacinação contra o COVID-19: “Quando a gente fala de política pública e saúde pública, a fake news mata, ela é grave. Ela deveria ser punida. As pessoas deveriam ser punidas, cobradas, presas, responder em juízo”.

²⁴ Parte da entrevista feita pelo autor, presente no Apêndice.

²⁵ Disponível em: <https://redepesquisasolidaria.org/wp-content/uploads/2021/05/boletimpps-31-22maio2021.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2022.

²⁶ Parte da entrevista feita pelo autor, presente no Apêndice.

Por fim, Vivian avalia as falhas na coordenação do processo de vacinação do governo federal, mas reflete que a partir do início desse ano, quando havia maior oferta de vacina, e até mesmo sendo ofertadas para crianças, as pessoas não foram reforçar as doses, tampouco levar os filhos para serem vacinados. Na avaliação da entrevistada, isso ocorre justamente no momento em que a politização da vacina e os combates entre governo federal e estadual são reduzidos.

4.4 Conclusões

Ao aplicar ambas metodologias de pesquisa foi possível ouvir e agregar relatos a esta pesquisa de públicos diferentes em idades, formações, posições profissionais e experiências de vida, que enriqueceu a pluralidade de opiniões. Entretanto, ainda assim é possível perceber que apesar de tais diferenças que os discursos se assemelham em um teor crítico e de lamentação pela condução do governo federal durante o enfrentamento da COVID-19.

Quanto às entrevistas em profundidade, conseguir conversar com importantes institutos de saúde nacionais como o Instituto Butantan e a ABRAMGE em um período ainda de enfrentamento da pandemia foi imprescindível para trazer a ‘temperatura’ do enfrentamento da pandemia, ainda que tenha resfriado em espaço na mídia, mas não na gravidade. Entretanto, o contato inacessível com os médicos e representantes legais limitou a entrevista inicialmente prevista com maior foco no aspecto clínico e de saúde pública. Ao entrevistar os porta-vozes oficiais, a pesquisa ganha com a versão oficial de posicionamento de tais instituições sobre a pandemia e a postura presidencial, ainda que ambas tenham se esquivado de comentar a respeito, mas compreendido os motivos.

Já a realização do Grupo Focal com os estudantes, desconhecidos entre si, permitiu o posicionamento mais livre, com exceção de momentos em que as perguntas e a dinâmica da entrevista adentravam para o campo político e de posicionamento claro e objetivo se a postura do governo federal havia sido errônea ou acertada no campo da comunicação. As declarações eram feitas, mas com o cuidado de preservar ainda a aceitação do grupo, que naturalmente molda e ajuda a polir expressões mais agressivas.

Não ter conseguido a participação de estudantes dos cursos de Relações Internacionais e de Administração, ainda que tenham confirmado a participação mas

se ausentaram, prejudicou a amostra de 2 estudantes de cada um dos cursos da FECAP. Entretanto, com grupos mais coagulados, todos tiveram a oportunidade de comentar seus posicionamentos democraticamente.

5 Como as Relações Públicas Podem Orientar a Comunicação Pública e Governamental em Situações de Crise Sanitária

As relações públicas preconizam o planejamento estratégico da comunicação a fim de estabelecer a compreensão mútua entre uma instituição pública ou privada e os grupos de interesse que estejam ligados, como indica o Portal Comunique-se (2022), em referência à definição da Associação Brasileira de Relações Públicas (ABRP).

Partindo deste ponto de vista, valores de transparência e clareza na comunicação, um bom relacionamento com os públicos de interesse e o planejamento para gestão da comunicação e eventuais crises são basilares para uma prática efetiva desta área de estudo, sobretudo em condições de crise sanitária, como ocorrido no mundo todo ao longo dos últimos dois anos.

Apesar disso, no Brasil, o governo federal seguiu na contramão das recomendações de comunicação neste período de crise que certamente seriam forte aliadas para a gestão da crise, a redução da desinformação, a disseminação de ‘fake news’ e no estabelecimento de uma comunicação clara e sadia com a imprensa e população brasileira. Desta maneira, as relações públicas podem direcionar a comunicação governamental a partir de alguns de seus pilares:

1) Transparência na comunicação - conforme lembra Fábio França nas definições de Andrade, o público tem o direito a ser informado. Ou mesmo Bertrand Canfield, ao afirmar que o público tem o direito de ser informado sobre questões controversas (ANDRADE, 1989 apud FRANÇA, 2008).

A clareza e agilidade na comunicação elimina eventuais ruídos, que por sua vez, reduz a disseminação de fake news. Entretanto, estas podem ser utilizadas de má-fé ao deter o poder. De acordo com Barcelos et al. (2021) em “Análise de *fake news* veiculadas durante a pandemia de COVID-19 no Brasil” da Revista Panamericana de Saúde Pública, de diversos autores, o fenômeno das *fake news* representa uma ferramenta acessível a governos e outros grupos para desviar, obscurecer, ocultar ou moldar o conhecimento de acordo com os seus interesses. E conclui que as *fake news*, fantasiadas de jornalismo contribuem para aumentar a descrença na ciência e nas instituições de saúde pública.

2) Relacionamento sadio com a imprensa - durante o primeiro ano da pandemia, em 2020, a instantânea reclusão com a classificação da pandemia do

COVID-19 resultou em um maior consumo de mídias de massa e redes sociais noticiosas. Na primeira semana de pandemia, o Jornal Nacional da TV Globo obteve os melhores resultados de audiência desde 2011²⁷. Poucos meses depois, o Ministério da Saúde represou os dados de contaminação e mortes do novo coronavírus, diária e habitualmente divulgados às 19h para às 22h. Neste período, Bolsonaro ironizou a divulgação dos dados em novo horário.

Figura 8 - Presidente ironiza a não divulgação de dados do COVID



Fonte: Estado de São Paulo (2020)

Os atritos com a imprensa, especialmente a grande mídia, iniciou-se logo após a vitória de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018. Na primeira entrevista coletiva concedida pelo presidente em frente a sua residência, jornalistas da Globo, Folha de S. Paulo e o Estadão foram barrados de participarem.

Figura 9 - Presidente restringe veículos de comunicação em coletiva de imprensa



Fonte: Blog Nocaute (2018)

Desde então, os veículos de grande mídia e Bolsonaro travaram uma disputa (velada pelos veículos) e amplamente clara pela presidência que se estende até a realização desta pesquisa.

²⁷ Com mais TVs ligadas por coronavírus, Jornal Nacional tem maior ibope desde 2011. Disponível em: <<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/audiencias/com-mais-tvs-ligadas-por-coronavirus-globo-dispara-e-massacra-concorrenca-34656>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

3) Planejamento para Gestão de Crises - A gestão de crise bem administrada somente pode ser bem conduzida a partir de um planejamento de possíveis temas mais sensíveis para a organização, governo, ou empresa. No caso da pandemia, a previsibilidade certamente tornou-se mais difícil, ao considerar que a última grande epidemia com alto volume de mortes havia ocorrido em 1918 - a gripe espanhola.

Entretanto, apesar das dificuldades de previsão da crise do novo coronavírus, esta foi recebida alguns meses depois no Brasil após já terem sido registradas mortes no Oriente e em países europeus. Além disso, a pandemia se estende por aproximadamente três anos, tempo razoavelmente suficiente para o desenvolvimento e aplicação de protocolos de gestão de crise de comunicação pelo governo federal.

Como relações-públicas, é possível perceber o quanto a comunicação governamental segue historicamente com um papel unilateral de comunicação, que não convida o cidadão a participar do processo comunicativo e busca o convencimento público, como indica Novelli (2009, p. 508). O governo de Bolsonaro de fato segue este caminho de convencimento, ainda que em desacordo com as práticas adequadas de saúde e comunicação, e por repetidas vezes, de bom senso.

Num estado de emergência em saúde pública e pandêmico como enfrentado pelo Brasil e mundo, é imprescindível o esclarecimento da população sobre questões que afetam a coletividade a fim de uma formação de opinião pública - consciente - acrescento.

O governo de Bolsonaro não deixou de comunicar. As entrevistas coletivas diárias para apoiadores em frente ao Palácio da Alvorada e as lives semanais em suas redes sociais são exemplos disso, mas falhou no conteúdo da comunicação. Uma comunicação acertada, com clareza e veracidade das informações, o livre acesso e relacionamento com a imprensa geral seriam caminhos que facilitariam o processo comunicativo, a opinião pública e até mesmo sua governabilidade.

6 Considerações Finais

Quando analiso os mais de 700 mil mortos durante a pandemia e percebo, enquanto estudante de relações públicas, as tomadas de decisão na comunicação do enfrentamento, a nível federal, que por vezes destoou da prática dos estados brasileiros, fico intrigado e reflito se a decisão fosse outra, o que poderia ter sido amenizado no aspecto da desinformação, da cura e do equilíbrio no enfrentamento.

A intenção e interesse de desenvolver esta pesquisa surgiu ainda em 2020 ao acompanhar o noticiário e as declarações do presidente da república que seguiam na contramão das recomendações da OMS e até mesmo do seu ministério da saúde, em face de Luiz Henrique Mandetta, indicado à pasta pelo próprio presidente. Intrigado com a dissonância dos discursos, tinha muito claro em mente a clássica frase “Todo mundo precisa de um RP”, mas a presidência indicava precisar de uma agência inteira.

Perceber este cenário e compreender o impacto das declarações do presidente ou a omissão dessas foi o despertar da pesquisa. Observar a mudança de comportamento de pessoas próximas que se medicaram com remédios ineficazes foi o alerta da gravidade. Elencar os exemplos quantitativamente não foi tarefa complexa, mas sim classificar quais os mais impactantes.

Considerando a responsabilidade que todos temos com o que comunicamos, a carga para o chefe máximo do executivo de uma nação se agiganta e deve ser reconhecidamente ponderada, equilibrada e minimamente guiada pelo bom senso em temáticas das quais não se domina, como a saúde pública.

Bolsonaro falhou, repetidas vezes, e fora alertado tantas quantas. A mídia brasileira começou a ter que falar o óbvio, desmentir o improvável, inusitado e esdrúxulo. A meu ver, o êxito ou fracasso de um governo parte da forma como ele dialoga e pretende ser compreendido, e neste caso, vejo como uma liderança que pouco se preocupou com isso, embora as atitudes falem muito mais do que os discursos ideológicos vazios.

Repito, Bolsonaro falhou na comunicação, e não seria um grande motivo de alarde. Em verdade, apenas mais um governo que não segue as melhores práticas de comunicação, e seguiria-se, não fossem 700 mil vidas perdidas e inumeráveis outras impactadas pela perda dos seus.

REFERÊNCIAS

BARCELOS, T. N. et al. Análise de *fake news* veiculadas durante a pandemia de COVID-19 no Brasil. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 45, n. 9, 2021. Disponível em: <https://scielosp.org/article/rpsp/2021.v45/e65/>. Acesso em 15 nov. 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 26 out. 2022.

BUENO, Walter Costa, 2013. Gestão e estratégias de comunicação em situações críticas. **Comunicação e Sociedade**, São Bernardo, v. 34, n. 2, p. 41-66, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/3678>. Acesso em: 30 maio 2022.

CRUZ, Mariana Fordellone Rosa. **O Dever do Estado na Efetivação do Direito à Saúde**: Os papéis dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências) - USP, São Paulo. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6135/tde-17102014-101022/publico/MarianaFordelloneRosaCruz.pdf>. Acesso em: 26 out. 2022.

COMUNIQUE-SE. **Relações Públicas**: o que é, o que faz e como surgiu? 2021. Disponível em: <https://www.comunique-se.com.br/blog/o-que-e-relacoes-publicas/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2017.

FSB. **Comunicação Pública**: por que ela é tão importante? 2021. Disponível em: <https://www.fsb.com.br/hub-fsb/comunicacao-publica-por-que-ela-e-tao-importante/>. Acesso em: 26 out 2022.

FRANÇA, Fabio. **Públicos** - Como identificá-los em uma nova visão estratégica. 2. ed. São Caetano do Sul: Editora Yendis, 2008.

GOVERNO DO BRASIL. **Brasil confirma primeiro caso de do novo coronavírus**. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/02/brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 28 maio 2022.

HASWANI, Mariângela Furlan. **Comunicação Pública**: Bases e Abrangência. São Paulo: Editora Saraiva, 2013.

METRÓPOLES. **Youtube remove 14 lives de Bolsonaro; canal está perto de ser derrubado**. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/youtube-remove-14-lives-de-bolsonaro-canal-esta-perto-de-ser-derrubado>. Acesso em: 18 nov. 2022.

MICHAELIS. **Dicionário Online**. Disponível em:
<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/publico>.
Acesso em 26 out. 2022.

NOVELLI, A. L. C. R. Relações Públicas Governamentais. In: Margarida M. K. Kunsch. (Org.). **Relações Públicas**: história, teorias e estratégias nas organizações contemporâneas. São Paulo: Saraiva, p. 485-509, 2009.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE. **Respuesta de la OPS/OMS. 31 de Marzo del 2020. Informe 1**. 2020. Disponível em:
https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52404/COVID-19SitRep1_spa.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso: 30 maio 2022.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE. **Histórico da Pandemia de COVID-19**. 2022. Disponível em:
<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 30 maio 2022.

ORIGEM DA PALAVRA. **Palavra público**. Disponível em:
<https://origemdapalavra.com.br/palavras/publico/>. Acesso: 26 out. 2022.

OUR WORLD IN DATA. **Daily new confirmed COVID-19 deaths per million people**. 2022. Disponível em:
<https://ourworldindata.org/explorers/coronavirus-data-explorer?facet=none&Metric=Confirmed+deaths&Interval=7-day+rolling+average&Relative+to+Population=true&Color+by+test+positivity=false&country=~BRA>. Acesso em: 28 maio 2022.

SHINYASHIKI, R. T.; FISCHER, R. M.; SHINYASHIKI, G. A importância de um sistema integrado de ações na gestão de crises. **Organicom**, São Paulo, v. 4, n. 6, p. 149-159, 2007.

TORRES, T. J. F.; SOUSA JÚNIOR, A.R. de; BRAZIL, V. T. F. As características e os impactos da narrativa de Jair Messias Bolsonaro. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 5, n. 15, p. 1-14, 2021. Disponível em:
<https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/257>. Acesso em: 28 maio 2022.

VERAS, T. J.S. Negacionismo viral e política extremista: notas sobre o caso brasileiro da COVID-19. **Voluntas: Revista Internacional de Filosofia**, v. 11, p. e45, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/43934>. Acesso em: 30 maio 2022.

VILLELA, E.F.M. Comunicação de risco versus comunicação de crise na saúde pública: o discurso das autoridades diante de uma epidemia de dengue. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 10, n. 4, 2016. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1178>. Acesso em: 30 maio 2022.

VISCARDI, J.M. Fake news, verdade e mentira sob a ótica de Jair Bolsonaro no Twitter. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 59, n. 2, p. 134-1157.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tla/a/HWYM3LcW7yVtMY9ZbK8CWzs/?lang=pt>. Acesso em: 28 maio 2022.

WEBER, Maria Helena; COELHO, Marja Pfeifer; LOCATELLI, Carlos (Org.) **Comunicação pública e política – pesquisa e práticas**. Florianópolis: Insular, 2017.

WEBER, Maria Helena, 2011. Estratégias da comunicação de estado e a disputa por visibilidade e opinião. In: KUNSCH, M.M.K. (Org.). **Comunicação pública, sociedade e cidadania**. São Caetano do Sul: Difusão Editora, p. 101-119.

WORLD HEALTH ORGANIZATION, WHO. **Comunicação eficaz com a mídia durante emergências de saúde pública – um manual da OMS**. Brasília, 2009

Disponível em:

https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/comunicacao_eficaz_midia_durante_emergencias.pdf. Acesso: 30 maio 2022.

APÊNDICE

Questionário de Grupo Focal com estudantes

Grupo de Estudantes

- 1) Apresentação: nome, idade, curso
- 2) Durante a pandemia, você teve COVID-19? Se sim, precisou ir ao médico?
- 3) Você ou alguém de sua família fez uso de algum remédio como tratamento precoce do vírus? Se sim, quais remédios?
- 4) Caso você ou alguém de sua família tenha usado remédios como tratamento precoce, foi por indicação médica de um profissional da saúde ou automedicação?
- 5) Caso você ou alguém de sua família tenha usado remédios como tratamento precoce, ainda assim foi infectado e teve COVID?
- 6) Caso você ou alguém de sua família tenha usado remédios como tratamento precoce, e hoje observando a ineficácia do medicamento, acredita que a recomendação do uso do remédio tenha sido influenciada pelo que ou por quem?
- 7) Na sua opinião, fatores políticos influenciaram as pessoas a tomarem remédios para tratamentos precoces? Se sim, quais?
- 8) Você tomou todas as doses de vacinas correspondentes ao período de vacinação de sua idade? Por que?
- 9) Você ficou receoso de tomar qualquer uma das vacinas indicadas no início da campanha de vacinação? E por que?
- 10) Você já desconfiou de outros laboratórios ou vacinas anteriormente? Por que?
- 11) Na sua opinião, analisando o aspecto da saúde pública, o governo federal atuou de forma correta ou errônea durante a pandemia? E por que?

Registro de Grupo Focal realizado com 6 estudantes da FECAP em 30/09/2022:

Participantes:

- Kaylane Naiara – 19 anos, Publicidade e Propaganda
 - Mariana Barbosa – 19 anos, Relações Públicas
 - Maurício – 23 anos, Ciências Econômicas
 - Matheus Oliveira – 18 anos, Publicidade e Propaganda
 - Beatriz Santiago – 22 anos, Relações Públicas
 - Lucas Sales – 19 anos, Ciências Contábeis
-

Dinâmica:

Bruno: Primeira pergunta, então: durante a pandemia, algum de vocês teve covid-19? E, se sim, precisou ir ao médico?

Lucas: Tive, eu precisei ir ao médico e foi uma experiência até estranha.

Bruno: Uma vez só você teve?

Lucas: Uma só, e eu não tive nenhum sintoma. Todo mundo na minha casa ficou muito ruim. Meus pais e meu irmão principalmente, mas eu fiquei tranquilo. Já tinha as duas doses da vacina.

Mauricio: Eu tive covid, também. Não era vacinado, mas senti uma gripe normal. Só fui no médico para ter o atestado mesmo, justamente pelo bom senso.

Bruno: Apenas sintomas leves, né?

Mauricio: Exatamente.

Mariana: Eu tive, também. Na verdade a minha família inteira pegou, e foram sintomas leves também, assim, dias em que tinham umas recaídas, mas foi.

Matheus: Eu tive no começo do ano e também na virada. Pegou eu e meus pais. A gente ficou bem mal, foi bem agressivo. Meu pai tem até hoje tem sequelas respiratórias por conta do covid. A gente não precisou ficar internado e nem nada em um hospital, mas foram sintomas bem fortes, com bastante dor no corpo. Tinham dias em que a gente nem conseguia levantar da cama pra tomar água. Foi bem complicado.

Bruno: Mas foi mais com o seu pai, né? E você...

Matheus: Eu peguei, mas eu fiquei mal por uns 2 ou 3 dias, e depois já fiquei padrão.

Beatriz: Eu também tive, mas eu fui assintomática. Só descobri porque todos da minha casa tiveram e meus pais tiveram sintomas leves, mas não precisei ir no médico.

Kaylane: Se eu tive, eu não descobri. Eu fiz o teste uma vez e deu negativo e nunca senti os sintomas, então eu acredito que sou assintomática ou muito sortuda.

Bruno: Aí a segunda pergunta: você ou alguém da sua família fez uso de algum remédio como tratamento precoce do vírus? Se sim, quais remédios? E gente, por favor, fiquem à vontade e sem constrangimento, isso faz parte se sim, se não, o que vocês tiveram na família?

Mauricio: O meu pai chegou a tomar azitromicina. Ele tomou os dois, né? Cloroquina e azitromicina, mas ficou normal também. Não houve nenhuma alteração.

Bruno: Perfeito. Quem mais?

Beatriz: Até onde eu sei, não. Eu não sei se eles tomaram.

Lucas: Em casa a gente não chegou a fazer o uso de nenhum medicamento.

Matheus: Em casa os meus foram só os prescritos pelo médico. Só um “dipironazinho” pra tirar a febre.

Mariana: É, os meus também, eles foram no que foi prescrito pelo médico.

Mauricio: No meu teve uma certa diferença, porque o médico (do meu pai) chegou a receitar o azitromicina, mas o meu médico, não. Ele chegou a receitar o dipirona para a gripe normal.

Bruno: Ótimo, legal. Kay?

Kaylane: Na minha família, ninguém testou positivo, então não. A gente passou reto.

Bruno: Mas mesmo ninguém pegando, você não sabe se ninguém tomou nada antes, né?

Kaylane: Não, ninguém tomou nada de prevenção.

Bruno: Tá. Aí, essa daqui seria: caso você ou alguém de sua família tenha usado remédios como tratamento precoce, foi por indicação médica de um profissional da saúde ou automedicação?

Mauricio: Foi por indicação médica.

Bruno: E também mais uma: se alguém usou esse remédio como tratamento precoce, ainda foi infectado pelo covid depois de ter tomado o remédio?

Mauricio: Só uma vez.

Bruno: E foi antes?

Mauricio: Não. Meu pai tomou como tratamento.

Bruno: Ah, certo. É porque era bem comum, né? Ficava aquela dúvida do que fazer. Outra pergunta: observando nessa questão do remédio, da discussão de se ele funcionou ou se não funcionou, vocês acham que isso pode ter sido influenciado mais por alguém da família, pela mídia, por uma questão governamental, uma questão pessoal de medo... o que vocês imaginam disso?

Mauricio: O meu pai sempre foi fanático politicamente, então já tinha uma certa tendência a seguir o que era falado na vertente, mas ele não chegou a tomar precocemente. Ele tomou quando de fato o médico falou lá. Foi o que eu falei: “ah, você vai tomar mesmo?”, porque eu falei que não vou tomar porque o meu médico não me receitou isso. Se ele tivesse receitado, eu tomaria também. Então acho que as duas coisas compactuaram pra isso.

Bruno: Foi em 2020 ou em 2021 isso?

Mauricio: Foi ano passado, 2021. Em meados de junho do ano passado.

Bruno: O que vocês acham?

Matheus: Eu acho mais ou menos assim, porque as pessoas quando entrou a pandemia não tinham muita referência do que fazer porque foi algo novo para tipo 90% das pessoas, e resolveram usar de base as informações que o governo passava, mas no caso não eram muito de confiança. Não passavam tanta credibilidade, porque, cientificamente falando, não eram medicamentos eficazes e era literalmente para autopromoção do presidente. Foi algo em que as pessoas buscaram refúgio em algo vazio porque não tinha fundamento.

Kaylane: Eu acho que foi muito desse medo do covid de não saber o que fazer e chuta pra qualquer lado e apela pra essa medida.

Beatriz: Eu conheço algumas pessoas também que foram muito influenciadas por pessoas próximas, então por exemplo senhoras de idade, a filha falava: “ah, toma, vai ser bom”, ou via na internet, e acabava pela influência ali mesmo.

Lucas: É, no meu meio familiar a gente não teve nenhuma influência. A gente tinha influência mais de um médico amigo nosso, que veio a falecer recentemente até, de covid.

Bruno: É amigo da família, provavelmente?

Lucas: É, e ele fazia todo o tratamento médico da minha família, geralmente, e ele veio a falecer da pandemia e ele falou: “a gente não tem nenhuma previsão do que é, a gente não sabe ao certo do que se trata” - foi bem no começo, e ele falou - “se conseguir se manter em casa, mantém”.

Bruno: Tá, mas ele enquanto médico, ele receitava?

Lucas: Não.

Bruno: Ele era um médico próximo da família somente.

Lucas: Sim.

Bruno: Perfeito. Querem falar?

Mariana: Acho que eu concordo assim com o pessoal, em relação a esse negócio da influência, porque se a gente for olhar desse modo, você tem pessoas de diversas idades que ficaram muito tempo sozinhas, então a gente também tem a questão da mídia. Vamos pensar em uma situação de uma senhora que está em casa sozinha. Ela não tem proximidade com a família, não tem uma tecnologia ali que ela conhece, ela vai ter influência daquilo que ela vê na televisão. Então ela vai falar: “não, não

tenho com quem consultar, não tenho como... ah, tá certo ou não tá?”. Eu acho que grande parte foi por influência, então as pessoas tiveram esse, sabe, “vai por precaução”? Não tem muito como peneirar.

Lucas: É, mas é mais o fator do medo do que qualquer coisa.

Mariana: Sim.

Lucas: É o fator do medo que acaba sendo predominante nessas situações. E em situações mais extremas como essas, o medo acaba predominando.

Bruno: É, faz sentido. Alguém tem mais um ponto dessa? Então nessa aqui eu fiz uma pergunta mais aberta, o que que vocês imaginam que possa ter influenciado, e agora especificamente sobre um fator político, que é a pergunta 7: Na opinião de vocês, fatores políticos influenciaram as pessoas a tomarem remédios para tratamento precoces? E, se sim, quais situações, quais remédios? O que vocês sentiram disso?

Matheus: Ah, eu acredito que teve uma grande influência, bem grande mesmo, porque como foi anteriormente, as pessoas não tinham muito recurso, ninguém imaginava o que poderia acontecer, e as notícias que todo mundo via era que quem pegava covid, 2-3 dias morria porque é uma doença muito forte, então o modo que foi passado pelo governo de que seria uma medicação pra combater, foi algo muito desesperador para as pessoas porque ninguém sabia se aquilo era verdade, se aquilo era certo, e falou “ah, tomar e...”

Bruno: Só me responde. Só para eu não ficar com a dúvida, você diz por conta do governo, o governo municipal, estadual ou federal? É personificado em alguém?

Matheus: Ah, eu digo do governo em geral, porque...

Bruno: Então são todas as esferas...

Matheus: Sim, veio muito do presidente e os outros governos também davam influência, davam... não digo “puxar o saco”, mas davam uma ênfase para o que o presidente falava. Ao invés de corrigir e falar “não, não é um medicamento eficaz, não existe medicação para o covid ainda, é uma doença nova”, eles só se calaram, e querendo ou não, se calar também é um modo de se posicionar, ainda mais quando se trata de uma medicação que pode “salvar vidas”. É muito perigoso.

Mauricio: É, eu acho que foi muito influenciado pela política, tanto pelos dois lados, porque eu conheço agente de necropsia, por exemplo, que ele falou que qualquer coisa que “ah, não tá identificado e tem todos os sintomas de ser infarto, o valor foi pro covid”. Então se influencia por um lado, depois vem o outro e fala assim “tá

vendo? Morreu porque ele não tomou”. Eu lembro que eu até brincava com o meu pai e falei assim “ah, eu comi o bolo de cenoura e eu melhorei, então é só comer o bolo de cenoura que você vai melhorar”. Entrou mais um menos nessa lógica de “remédio salvador”, entendeu? Mas aí no final das contas também não mudou nada porque ele melhorou e eu melhorei, então não sei se eu tava com razão ou se ele tava com razão, porque não dá pra saber.

Matheus: E você “tomou” o bolo de cenoura?

Mauricio: É, eu fui só com o bolo de cenoura.

Bruno: Alguém mais pode falar sobre isso? Se acha que tem alguma influência política ou se não teve? O que que vocês...

Lucas: É, em certo modo teve uma influência política. Eu acho que teve uma influência política para todos os lados, porque em uma situação extrema, todo mundo quer ser herói e ninguém quer ser vilão. Todo mundo quer aparecer e todo mundo quer dar o seu ponto de visão. Alguns pontos de visão completamente errados, e outros completamente mais errados ainda. Essa é minha visão e essa é minha opinião sobre o assunto.

Bruno: Ok, acho que a gente finalizou por essa. A 8ª, gente, de novo, mais uma que, por favor, não quer constranger ninguém, é só por conta do trabalho. Você tomou todas as doses da vacina, correspondentes ao seu período e a sua idade? E, se puder justificar, sim, não, por quê?

Kaylane: Eu tomei duas. A 3ª e a 4ª eu não pretendo tomar porque eu acho muita, acho muita prevenção. Eu já vi vários médicos me recomendando a não tomar a 3ª dose porque os sintomas depois não valem a pena, ainda mais que eu nunca tive sintomas de nada, então eu acho que duas doses para mim já é o suficiente.

Beatriz: Eu só tomei também a primeira e a segunda, porque quando começou a 3ª dose pra minha idade, eu tava doente, tava tomando antibiótico, então me foi recomendado não tomar. Depois eu fui tomar a vacina da gripe, aí não podia tomar a do covid, e depois eu esqueci e nunca tomei, porque eu sou desorganizada mesmo.

Lucas: Eu cheguei a tomar as 3 doses por conta de trabalho, então tive que tomar a 3ª dose, eles tavam com a documentação requerida e no meu trabalho estavam pedindo a 3ª dose, então eu tive que tomar. Não sei se eu vou tomar a 4ª ou não. Não sei se está disponível ainda, se tiver, não tem problema.

Matheus: Eu tomei as 3, ainda não tomei a 4ª porque uma médica que eu passei no período que eu fiquei doente recomendou eu esperar 6 meses da última, da 3ª pra eu poder tomar a 4ª, e termina esse prazo daqui uns 10 dias, aí eu vou tomar.

Mauricio: Eu tomei as duas só, mas eu acho também por uma questão de consenso, porque também existem interesses políticos na compra e venda de vacina, então eu como economista vejo que o dinheiro tá muito influenciado aí, então também tem grandes corporações que ganham dinheiro por fora e tal, então eu associo “ah, eu já tomei as duas vacinas, não tive tantos sintomas”, também fui no médico e não me recomendaram... só tomei as duas mesmo.

Mariana: Eu passei pelas duas situações deles, uma foi a do trabalho cobrar a 1ª e a 2ª dose eu tomei normal, a 3ª foi a cobrança, mas eu também fiquei doente, aí foi aquele negócio: “ah, toma a da gripe primeiro ou a da covid?”, mas foi por questão de prevenção, porque a gente convive com muitas pessoas assim, agora a gente convive, também tem a varíola do macaco, e agora são muitas doenças surgindo, a ciência também está se desenvolvendo, então pra mim me proteger e proteger quem tá comigo, eu acho que nunca é demais, então se está sendo oferecido e está de acesso, não vejo problema.

Bruno: Todos responderam essa? Perfeito. Três últimas, tá? Você ficou receoso de tomar uma das vacinas indicadas no início da campanha de vacinação? E porquê?

Matheus: Não fiquei. Eu tomei a partir do dia que podia pra minha idade, já fui tomar, e isso foi com a 2ª, foi com a 3ª, e com a 4ª foi o que eu falei, só tô esperando os 6 meses pra já poder tomar de novo.

Mauricio: Eu fiquei. Principalmente com a Sinovac, justamente por causa do poder econômico mesmo. Quando ela veio pro Brasil, era uma tecnologia totalmente diferente da que as outras empresas europeias e americanas estavam usando, que aí eles queriam naturalizar a fórmula brasileira, então aí eu fiquei com receio, até porque também eu ia viajar pra fora, eu ia pra Europa, e eles não aceitavam essa vacina lá, então eu juntei o útil ao agradável e esperei pra tomar a Pfizer.

Bruno: Entendi. Sinovac seria o mesmo que a Coronovac, né?

Mauricio: Isso.

Beatriz: Eu fiquei com a Astrazeneca, porque minha mãe tomou a Astrazeneca e ela tem uma doença autoimune, e ela teve uma reação muito ruim, ela passou muito mal, ela ficou dias doente, precisou quase ser internada. Então por eu ter a possibilidade de ter essa doença também, eu fiquei com medo de tomar

Astrazeneca e ter essa mesma reação. Só que eu não tomei Astrazeneca, eu tomei a Pfizer, porque quando chegou minha vez era Pfizer, então eu não sei. Eu não tive nem escolha assim.

Kaylane: Não tive receio nenhum de tomar nem a 1ª e nem a 2ª. Eu só não tomei mesmo a 3ª e a 4ª por recomendação médica e por não ver necessidade comigo.

Lucas: Também nenhum receio.

Mariana: Eu tive o mesmo receio assim, não só das reações porque o meu pai também tomou Astrazeneca e ele ficou muito mal, mas na mídia você também tinha muitas reações, do tipo: “ah, eu tomei Pfizer e o meu braço doeu”. Então você não sabia até onde isso seria verdade ou não, mas você via muitas pessoas comentando e eu acho que o maior receio que eu tive foi da 2ª dose, porque você não tinha ali uma garantia de se você ia tomar a mesma que você tomou primeiro ou se vai qualquer uma. Entendeu? Você vai ficar misturando fórmula? Então isso foi um receio maior, mas eu no meu caso tomei a Pfizer nas duas primeiras. Acho que na 3ª, também.

Bruno: Você falou, Mariana, da questão da mídia. Mídia, lógico, é bem ampla. O que você qualificaria? A mídia de massa, como a televisão, o rádio?

Mariana: Não, a mídia próxima a nós. Pessoas próximas, assim eu digo, não amigos, mas você vê pessoas na sua faixa etária que colocam no Instagram, Tiktok, Twitter, e aí você fica tipo: “nossa, será que aconteceu mesmo?”. Até pessoas próximas, o que me recorda alguns comentários que tipo “nossa, como é isso? Meu braço também vai doer?”. E eu penso que a mídia, na hora você pode passar despercebido quando chega a você, até aproxima isso, você lembra das coisas, mas como isso te afeta psicologicamente. Porque assim, “ah, fulano tomou Pfizer e doeu o braço”, aí eu vou tomar e vou falar “será que o meu braço vai doer? Será que eu vou ter tal coisa?”, então isso gera uma ansiedade, e às vezes passa despercebido. Eu tô refletindo isso agora, mas se a gente for olhar a grosso modo, a gente vai recebendo muita informação, e quando acontece com a gente, você vai lembrando daquelas coisas e você já fica pirado pensando. Então você pensa, pode ser efeito isso de “ah, cresceu meu peito e não sei o quê”, mas você acha que você não pensou quando você falou “ah, será?”. Então tem muita influência, e as vezes não é uma mídia do governo porque eu acho que não teve nenhuma questão assim, mas a mídia próxima da gente porque você vai olhar TikTok e rede social. Se você se identifica ali, aquilo já te gera uma confiança. Você armazena aquela informação.

Mauricio: Eu acho também que é muito influenciado pela mídia, por exemplo: “ah, tomei a vacina e fiquei com febre, não vou mais tomar a vacina”. Mas aí ataca na ignorância da pessoa, porque se você tomou a vacina de febre amarela, você vai ficar com febre igual, você vai sentir o braço caindo também, então acho que focaram muito nisso.

Bruno: E também na sua compreensão a mídia vem como dos grupos próximos, como redes sociais, mais do que a massa...

Mauricio: É, inclusive a massa, também.

Bruno: Alguém faltou falar? Boa. Duas últimas, gente. Você já desconfiou de outros laboratórios de vacinas anteriormente? Porque?

(Kaylane, Mariana, Matheus e Lucas negam com a cabeça)

Beatriz: Eu acho que foi muito falado quando saiu a Coronavac que ela era menos eficaz, até saiu alguns estudos. Na época não me atingiu efetivamente, porque eu não ia tomar vacina na época, e quando eu tomei a vacina, não tinha Coronavac. Então não foi uma coisa que me atingiu necessariamente, mas eu lembro assim que chegavam muitas pesquisas do tipo “ah, qual é mais confiável, qual eu vou tomar?”. Inclusive no meu bairro tinha um grupo de Whatsapp informando quais postos tinham determinadas vacinas, então se você queria tomar Astrazeneca, você ia no posto tal, se você queria Pfizer, você ia no posto tal, porque tinha essa questão de “essa é melhor, essa é mais eficaz”.

Mauricio: É muito isso do que ela falou, porque por mais que seja brasileira, eu trabalho numa empresa química, então eu sei como que de certa forma funciona em parte dos laboratórios, então eu sei que tem muito dinheiro envolvido nisso daí, e quando você tem dinheiro, você consegue pesquisar mais. Tanto mais que o Brasil fosse uma referência no ramo das vacinas, mas pro desenvolvimento talvez não fosse tanto assim quanto você tem as outras grandes empresas que tavam investindo pesado na época, aí ficou nesse receio “ah, prefiro tomar uma americana, uma europeia”.

Mariana: Eu estava lembrando aqui que a minha mãe tomou Coronavac. Eu não consigo lembrar muito as palavras dela, mas ela se posicionava muito contra. Ela falava: “não, isso daqui não funciona. Eu não estou protegida, eu quero tomar outra”. E tinha muito disso de você saber onde tava (as marcas da vacina em cada posto), e até que surgiu esse rumor, e do tipo, gente, vacina não é picolé pra você escolher o sabor e qual que você quer tomar. E assim, eu não tive desconfiança, a minha mãe

depois teve isso, mas tinha isso de que sempre chegava muita informação de que a Coronavac foi desenvolvida em muito pouco tempo, e uma vacina demora. Aí você vai pegar uma história de “surgiu uma vacina que foi aplicada nas pessoas ali à força”, então eu lembro que tinha muito daquele negócio de “em quanto tempo essa vacina foi produzida? Como que desenvolveu?”. Na hora você vai tomar de qualquer forma, mas você desconfia, sabe? Não foi algo que me influenciou, mas eu lembro que surgia muito esse rumor “Como é que desenvolveu tão rápido? Porque agora foi tão rápido e das outras vezes não foi? Você tem confiança em algo que se desenvolveu assim?”. Eu lembro que uma professora minha foi voluntária para tomar as vacinas, e você pensa que a pessoa que toma agora, passa 40 dias a gente tem o resultado, mas e a longo prazo? Você não tinha um “a longo prazo” na pandemia, você tinha o que tá ali, o que tão comprando e “toma”, e você não tem esse retorno. Então acho que pra algumas pessoas pode ter isso pilhado. Não pilhou pra mim, mas eu lembro que tinha muito dessas informações, e em como isso deve ter influenciado alguém na posição das pessoas.

Bruno: Então, entendendo no geral isso. Me corrijam ou não, quando falo se vocês já desconfiaram de outros laboratórios ou vacinas de antes, sem ser essas do período do covid, há um consenso, mais ou menos, de que não. Essa desconfiança surge mais nesse período agora e aí tem vários motivos: a ineficácia ou não, o que estava rolando ali ou não.

Mariana: Bruno, rapidinho assim. Eu acho que o que mais influenciou na pandemia da gente pensar assim foi de que antes você não questionava tanto, mas existiam histórias. Acho que se a gente for pensar, pelo menos pra mim, você nem sabia de onde era produzida as vacinas. Acho que o fator da pandemia de que as pessoas estavam isoladas, você tinha mais restrição da informação e todo um medo, te faz pensar em mil coisas, e aí você quer saber tudo, você quer saber de onde vem e tudo mais, então acho que isso influenciou da gente ter mais dúvidas assim e desconfiar. E também tem a questão de...

Kaylane: É, eu acho que o tempo pesou muito, foi muito rápido.

Mariana: Foi muito rápido. A gente ficou 2 anos em casa nesse “fluindo, fechado, depois fluindo”, então acho que esses fatores pesaram assim.

Lucas: Eu acho que a questão do tempo é até meio sem nexos, porque se for parar pra pensar, a gente tá vivendo o nosso pico de tecnologia, e as máquinas avançaram. O período de produção aumentou, os estudos aumentaram em questão

da saúde em si. Se for parar pra pensar, existe uma proporção que deve ser levantada. Você não acha que os laboratórios não vem se preparando para conseguir curas, para conseguir vacinas? Eu pensei assim, com essa questão do tempo. Por isso não veio essa incerteza.

Kaylane: Eu penso isso na minha vó, que acha o wi-fi uma invenção maravilhosa.

Lucas: A gente que não é da área da saúde, a gente não tem um certo acesso diário dos avanços. Eles ganham dinheiro, eles vivem disso. Somente as grandes farmacêuticas, eles tem um controle do avanço. Enquanto na década de 1950 a vacina era uma coisa, em 2020 ela já é outra.

Mariana: Qual é o seu nome?

Lucas: Lucas. Essa foi minha lógica.

Mar: Não, não. Você abriu minha mente. Eu acho que você tem razão nessa questão da tecnologia que pode ter diminuído o tempo de você ter produzido uma vacina, mas eu até levanto uma bola das aulas do professor Marcos que é uma questão da informação: no geral, você tem diversas manchetes. Você não dá atenção pra saúde. Agora, sim. A saúde pública entrou em um dos holofotes, mas se a gente for parar pra pensar, a gente não tinha antes essas informações, do tipo: “olha gente, desenvolveram uma máquina X que acelera XYZ”.

Lucas: Exatamente. A gente não tem o acesso da informação...

Mariana: E essa parte da gente não ter a informação do nível da tecnologia que a gente tem hoje, que a gente teve na pandemia para desenvolver essas vacinas fez com que a gente pensasse. Você pega o último registro: “Demorava 2 anos, agora tá demorando 6 meses? Como você produz um negócio em 6 meses?”. Então acho que toda essa questão do peso que a gente colocou nessa questão da dúvida se teve ali a influência da questão que a gente não teve a informação do desenvolvimento que a gente teve na ciência, e isso pode ser: não chegou informação, não teve um interesse... antes da pandemia você nem pensava em questão de saúde: “ah, tá bom, não é da minha área”. Hoje você pensa muito mais.

Lucas: E assim, o fator da emergência também deve ter criado essa urgência das informações que eu digo que a gente também poderia produzir mais rápido. Eu sinto também que foi outro fator que eu também pensei.

Mauricio: É, no campo econômico tem muito disso, que é o que chama da Informação Assimétrica dos mercados.

Lucas: E a demanda também.

Mauricio: É, então, acho que isso daí afeta muito na relação do consumidor entre ele aceitar se ele vai comprar, porque todo mundo acha que sua vida é importante, e cada um vai querer a melhor vacina, então ali ele vai selecionar. Tem várias vacinas, mas aí é um relacionamento normal do ser humano, ele vai querer escolher a melhor pra ele, só que as escolhas são baseadas nas suas convicções, experiências de vida, etc etc, então acho que por isso que surgiu muito esse hábito de “qual que eu vou tomar?”.

Mariana: E a gente até levanta a bola que os outros países são mais desenvolvidos. Porque é que você quer de fora? Ah, tá vindo de lá, a tecnologia é outra, e no Brasil, não. Então você já tem essa desconfiança, às vezes a gente não confia na gente mesmo. Você olha aqui e não sabe quanto dinheiro tem investido na saúde, você não sabe como que é dentro desses laboratórios. A gente não tem essa informação, então você pega o último registro que você teve e você fala: “essa vacina é mais desenvolvida? Pra você, provavelmente não”. Você quer o do outro porque você confia mais. São diversos aspectos que influenciam isso, ainda mais principalmente na informação.

Bruno: Então vamos para a última. Na opinião de vocês, analisando todo o aspecto da saúde pública, e durante esse período da pandemia, o governo federal atuou de forma correta ou errônea durante a pandemia? E porquê?

Mauricio: No ponto da saúde, acho que foi horrível, mas do jeito que ele comandou a economia no estado em que estava, eu acho que foi bom. Acho que tem esses dois pés. Então no ramo da saúde, acho que foi o único país a ter 3 ministros que trocaram de cargo em menos de 6 meses, e quanto mais você troca, mais difícil fica essa interação, mas no campo econômico em si da administração, das empresas fecharem, de como a gente vai tentar subsidiar algumas certas coisas, as empresas, as pessoas e tal, isso foi bom, mas no ramo da saúde, uma bosta.

Beatriz: Eu acho que na parte mais de comunicação que foi o que ficou mais visível pra mim, as vezes por conta da minha área, foi muito ruim por conta de muitas manifestações e declarações, tanto do presidente, quanto de governadores e deputados que estavam à frente e deram declarações informais. Então não existia manifestações e declarações formais tanto quanto as informais, e isso criava muitos ruídos na comunicação, então você abria o Twitter e a primeira coisa que você via era a declaração de um político falando alguma coisa na sala da casa dele, ou no meio da rua, e você não tinha uma nota oficial, e você não tinha realmente ali uma

informação da política falando aquilo que eles acreditavam como governo. Era tudo muito da opinião e do momento. Tudo muito informal e isso ia criando ruídos que iam se compartilhando e virando uma bola de neve.

Mauricio: Eu acho que aconteceu muito com as pessoas, principalmente essa parte dos políticos e os governos eles confundiram muito o que é o meu pessoal e o institucional. Então um presidente falava, o que ele falava era para um executivo inteiro, mas nele existem diversas pessoas, com diversas opiniões diferentes, pareceres técnicos diferentes e acumulou para tudo isso aí, também.

Kaylane: Isso do político da minha cidade falar uma coisa, o do meu estado falar outra e o do meu país falar outra, em quem eu devo acreditar? Quem apita mais alto pra eu entender o que tão falando. Então eu confundia muito todas as informações que passaram para mim.

Mariana: Acho que a falha foi essa, você não ter uma estrutura da comunicação. Um sabe isso aqui, já põe, já fala, já solta e você não tem um acordo, não teve um planejamento de “falar isso aqui agora, a gente volta e fala isso”, e eu lembro até que a gente tinha muita divergência de “não concordo com a fala do outro, o que eu tô falando é isso aqui, e você falando, mas fulano falando que isso aqui é diferente”. Tipo meio que “paciência”, sabe?

Mauricio: Acho que eles faziam “quem falava mais aberração para ter engajamento”, então era uma bola de neve. Um falava uma coisa e o outro falava uma coisa totalmente diferente, justamente pra “dar em cheio”.

Matheus: E eles não se preocupavam, também, com o único problema da pandemia, que as pessoas ficavam doentes, as pessoas morriam. Então era tratado como só mais uma doença, só mais uma gripe que ia passar em 10 dias. Não importava se as pessoas estavam morrendo, não importava se as pessoas estavam sem emprego, se as pessoas foram pra rua porque perderam o emprego na pandemia, então virou uma bola de neve, como falaram. Falava uma coisa, acontecia outra, as pessoas reagiam de uma 3ª forma e passava de uma 4ª forma, então foi o caso.

Lucas: A última palavra dele é o que define tudo na minha opinião. Foi tudo um caos. Foi um período caótico, passaram a informação de uma maneira ruim. Principalmente (foi um caos) o tempo em casa. Você precisava de alguma coisa para você se manter em casa, para não ficar no tédio ou ansioso. O cara baixava aplicativo de treino, ou seja, alguém precisava fazer alguma coisa. Baixava aplicativo de treino, ficava maratonando série. Qualquer informação pra certo tipo de pessoa é

válida, então se você colocar na tv “Jogaram uma bomba na rua da sua casa”, o cara vai conferir, ele não vai nem prestar atenção se jogaram mesmo. Ele vai pensar no que ouviu e depois ver o que aconteceu, ele vai se atentar primeiro a receber algo para se manter antenado para não ficar ansioso.

Mariana: Acho que junto a isso, se a gente for parar pra refletir, acho que essa ociosidade também. Você não tinha pessoas perto e você não tinha pensamento crítico para as informações que estava recebendo.

Lucas: Não tinha com quem ter uma discussão.

Mariana: Então. Não tinha com quem você discutir e você não pensava muito.

Bruno: Mas por que não tinha uma discussão?

Mariana: Eu acho que, primeiro, dependendo das pessoas, você tem as pessoas que estão sozinhas, as que estão em família, mas às vezes são coisas que você vai receber e você não vai criticar, sabe? Você não vai ir atrás, e você pensa, “ainda mais do governo”, você vai querer discutir?

Matheus: Vai duvidar do governo? Não.

Mauricio: As pessoas ficam ociosas. “Assistir o Netflix” tem uma hora que já cansou. “Ah, já cansei de treinar, também. Vou ver o que tá acontecendo”, e aí vem aquela bomba de informação.

Beatriz: Acho que uma questão também dessa falta de discussão foi a polarização, porque virou uma extensão da campanha, o covid. Então algumas pessoas “ah, é cloroquina. Não, é... não sei o quê”, e aí as pessoas de um lado não conversavam com outras, porque eram os opostos. Então nas redes sociais, que era onde as pessoas estavam, não tinha um diálogo entre pessoas com opiniões diferentes. Tinham diálogos entre pessoas com opiniões iguais, e era ali um algoritmo assim.

Lucas: É, virou um cenário caótico.

Beatriz: Exato. Então não tinha esse meio de conversa e de diálogo. Tinha um atrito e ao mesmo tempo tinha um algoritmo em que você ficava preso ali no seu mundinho, onde você ia compartilhando coisas que você gostava, que você concordava, que era o seu pessoal ali e foi isso assim.

Kaylane: O que eu senti muito também foi o que ela falou que eles estenderam o covid-19 para uma promoção própria. Eles não estavam se preocupando realmente com aquela pessoa que estava recebendo tratamento. Ele queria fazer aquilo, assim, todas as pessoas no geral, o politicamente correto para ficar bem na mídia depois. Eu senti muito isso.

Mariana: Rapidinho, só completando. Essa questão da campanha política influencia porque você vai acreditar naquilo em que você pretende. Se você gostou da fala desse daqui, você vai querer ouvir o que ele está falando. “Ah, mas esse daqui falou um negócio. Mas não, eu não gosto desse. Eu quero ouvir esse aqui.” Então se você confia nesse aqui, você não tem pensamento crítico, então o que ele falou, “beijo, guarda e é isso daí”.

Bruno: Aceitação do público, né? Vocês falaram, em linhas gerais, algo muito relacionado na questão da comunicação sobre a coordenação dessa comunicação. Na opinião de vocês, a falta dela ocorre aonde? Ocorre em níveis que vão do federal, estadual ao municipal, como se fosse uma escada que desce, ou ela ocorre no federal entre si, nos ministérios, ou é algo que aconteceu isoladamente no estadual, no municipal, ou é algo geral?

Lucas: Eu acho que são casos isolados. Se você for parar pra pensar na cidade de São Paulo, quanto em tantos outros hospitais de campanha, como o próprio Pacaembu. Eu não me lembro de ter gente falando que estava sendo tratado no Pacaembu. Eu não me recordo. Então, dependendo da aprovação de orçamento, o que você tem de viabilidade, o que você tem disponível é a opção que estavam usando. Um recurso para poder tratar e como tratar e usando coisas de dentro da cidade, até porque foi um mais recente, era no que a gente estava inserido, né? Acho que uma grande maioria aqui é tudo de São Paulo ou regiões próximas. E o governo federal, aquela bagunça. Então cada um estava tentando focar no seu e dar uma “cutucadinha” no outro. Então na minha visão é assim: “tô fazendo isso, mas você não está fazendo”. Essa é a minha visão.

Mauricio: Eu acho que foi um caos mesmo generalizado em todas as esferas, então vocês viam um presidente discordar de um ministro que ele mesmo escolheu. Depois você tinha uma falha de comunicação entre o governador de São Paulo com o presidente da federação e depois você tem uma falta de comunicação entre o presidente e o governador da Amazônia, que falta oxigênio lá. E o problema de comunicação entre o presidente e o governo do Rio, que também já estava um caos. Não acho que foi uma situação em específico, acho que foi uma questão generalizada mesmo, mas uma questão de âmbito político mesmo.

Mariana: Acho que foi essa questão do caos mesmo, mas eu caí com a fala do Lucas que assim, cada um estava tentando resolver o seu e você cutuca o outro, mas eu penso que ao mesmo tempo que você quer resolver o seu, você não

consegue resolver sozinho, você também precisa “daqui”. Aí você cutuca aqui e fala “olha, eu preciso disso, ‘ó’, não sei o que”. É claro, a pandemia foi uma surpresa porque ninguém estava esperando, você não teve um...

Lucas: Um planejamento pronto, né?

Mariana: Isso. Não teve um “planejar”, só que você também não teve um “vamos sentar, vamos resolver, vamos ver o que vai acontecer”. Então você tinha essas discussões do presidente com o estadual, o municipal, a falta do oxigênio. Então tem cada um resolvendo o seu, só que você precisa do outro, e aí ficava nessa dependência, no atrito, no conflito, e a sociedade acompanhando isso na mídia, e você pergunta o que está acontecendo. “Você está discutindo com ele?”.

Mauricio: Porque entrou naquele negócio bem de âmbito político mesmo. “Ah não vou te ajudar porque você vai concorrer comigo na próxima eleição. Se você for mal agora, eu vou levar vantagem em cima de você”.

Mariana: E cadê o “você pensar nas pessoas que estão sofrendo, as pessoas que estão em casa, como vai chegar essa informação?”. Caos. Só isso.

Registro de Grupo Focal realizado com 3 estudantes da FECAP em 07/10/2022:

Participantes:

- Lucas Pereira - 25 anos, Economia
- Letícia Silvério - 23 anos, Secretariado Executivo
- Bianca Gomes - 20 anos, Secretaria Executivo

Dinâmica:

BRUNO: Durante a pandemia, vocês tiveram covid? Se sim, precisaram ir ao médico?

BIANCA: Eu tive. Na verdade eu peguei do meu pai, porque eu não estava saindo. O meu pai pegou no trabalho e eu acabei pegando. Eu fui para o médico e fiquei bem mal, tomei várias injeções, mas não foi feito o teste em mim. Eu sei que eu peguei porque o meu pai ficou doente e eram os mesmos sintomas e eu fiquei bem mal, mas por teste mesmo nunca aconteceu.

BRUNO: Você precisou ir ao médico?

BIANCA: Eu fui, fizeram o teste de dengue em mim. Não fizeram o teste de covid porque era muito no começo, então a maioria das pessoas não estava fazendo teste.

BRUNO: Foi em 2020 mesmo?

BIANCA: Foi, eu acho que foi na metade de abril, mais ou menos. Foi bem no começo, então até meu pai que foi o que ficou pior não fizeram teste nele, ele só ficou isolado.

LETÍCIA: Eu não peguei covid, mas algumas pessoas da minha família pegaram, ficaram isoladas. No caso, minha família em si que mora comigo não pegaram. Na verdade o meu pai, se eu não estiver enganada, foi no final do ano passado, ele infelizmente pegou, também teve que ficar isolado, só que já tinha mudado as regras, então ele fez um isolamento pequeno e já pôde voltar depois a trabalhar. Ele ficou realmente só o tempo da transmissão isolado. Eu não peguei nada. Nem eu, nem minha mãe e nem minhas irmãs. A gente fez testes, a gente não sentiu nada e não tivemos nenhum sintoma, e pra gente foi algo assim “tranquilo”, por assim dizer.

LUCAS: Eu também não cheguei a pegar. Eu cheguei a um tempo ficar com sintomas semelhantes ao do covid, mas por meio dos testes não constou. E pessoas da minha família chegaram a ficar com covid, mas eu nunca cheguei a resultar isso, então durante a pandemia e até então eu não cheguei a ficar com covid.

BRUNO: Perfeito. A próxima: você ou alguém de sua família fez uso de algum remédio como tratamento precoce do vírus? Vocês fizeram uso disso? Conhecem alguém da família que pode ter feito?

LETÍCIA: Não. Na minha família inteira ninguém fez. Acho que a única coisa que a gente conseguiu assim reforçar foi a nossa imunidade, então a gente tentou reforçar

mais a nossa vitamina C, vitamina D e sempre reforçando as vitaminas, mas o uso de medicamento, não.

BIANCA: A minha família também não, ninguém. A gente só começou a dar uma melhorada na alimentação porque, querendo ou não, ajuda muito na imunidade e só isso. Ninguém fez uso de nenhum remédio.

LUCAS: A minha também não. Não chegou a usar remédio, só realmente ficou mais cauteloso referente a alimentação, também.

BRUNO: Já que vocês disseram que ninguém usou nenhum medicamento, essa daqui eu vou adaptar: vocês conhecem alguma pessoa próxima que tenha usado? Nenhum nem próximo da família?

(Todos negam)

BRUNO: Então vou pular também essa, porque nem faz sentido. Mas a gente sabe que no geral algumas pessoas também tomaram. Na opinião de vocês, fatores políticos influenciaram pessoas a tomarem esses remédios para tratamentos precoces? Se sim, quais?

BIANCA: Eu acho que com certeza foi 100% fator político, porque eu acho que uma nação onde o último presidente que ganhou foi eleito por pessoas que se dizem extremamente patriotas, e o presidente virar e falar: “olha, isso daqui é bom, vai ajudar”. As pessoas levaram muito em conta, ainda mais porque o Brasil não é um país que é muito focado em questão de saúde, por mais que seja muito importante, não se interessam muito em aprender sobre, então uma informação errada passada por alguém tão importante acaba levando outras pessoas a acharem que é verdade, então eu acho que foi 100% um fator político o uso de tratamentos que se diziam precoces pra covid.

LUCAS: Eu concordo. Eu acho que por ser político e ser uma figura pública, acho que você tem uma influência aí e tem que ter um pouco de propriedade no que fala, então eu acho que muitas coisas que ele falava ali no começo foi levado em

questão. Eu acho também que a falta de conhecimento de muitos, e de não terem levado muito a sério a pandemia no começo, eu acho que também foi um fator relevante a usarem medicamentos que não tinham eficácia nenhuma, não foi comprovada eficácia, e também do surgimento de teorias das conspirações alimentou a ideia de pessoas simplesmente usarem medicamentos ou outros tipos de substâncias achando que simplesmente isso ajudaria.

LETÍCIA: Eu também concordo. Estou de pleno acordo com tudo isso, e o fato do nosso governo ter disparado essa informação, hoje em dia a gente tem falta da medicação indicada que servia para outro tipo de doença. A gente tá muito em falta. Então eu acho que prejudicou muito, além da falta de informação. As pessoas não se informam: "para que é que vai servir aquilo? Do que se trata? Como que funciona?". E só porque alguém de alto escalão, alguém que está em um cargo alto diz o que fazer, a pessoa que não tem estudo e se diz super patriota segue sem nem questionar.

BRUNO: Vocês tomaram todas as doses da vacina, de acordo com a idade de vocês?

LETÍCIA: Eu tomei todas (4 doses), inclusive a da gripe e da influenza. E a minha família também, todas.

BIANCA: Eu tomei até a 3ª, inclusive tenho que tomar a minha 4ª, e a da gripe.

LUCAS: Eu também tomei até a 3ª.

BRUNO: E também chegando a outro ponto: por que vocês se vacinaram? É uma pergunta meio óbvia, mas...

BIANCA: Porque graças a Deus eu não sou anti-vacina.

LETÍCIA: Eu não sou anti-vacina e eu acredito muito no avanço da medicina e também nas pesquisas que o Butantan e outras instituições fazem. Então eu acho que eles são os mais certos e sigo à risca, por assim dizer.

LUCAS: Eu me vacinei porque eu acho que é o método mais eficaz e que realmente tem fundamento para combater a pandemia.

BRUNO: Vocês ficaram receosos com tomar qualquer uma das vacinas no começo da campanha de vacinação assim que foi lançada?

BIANCA: Eu não fiquei receosa em momento nenhum, até porque as pessoas ficavam de novo com nossas “belas falas” do presidente, insinuando que talvez a vacina não fosse tão assim, que talvez as pessoas não deveriam se vacinar, mas eu me vacino a minha vida inteira. Todos nós nascemos e já começamos a tomar vacina no 1º mês e eu particularmente sei a importância que é isso para em qualquer doença, independente de qual seja, e ainda mais para uma pandemia. É algo que estava tão em alta no momento, pegando tantas gentes, dando tantas mortes, eu não veria porque não me vacinar.

LETÍCIA: Essa é minha mesma opinião. Eu me vacinei, não tive receio nenhum, zero medo. Tanto é que eu tomei 4 doses, e se tivesse uma 5ª, eu ia tomar, sem medo algum. E muitas pesquisas são corretas, principalmente nessa questão de vacinação, medicina, eu acho que o avanço é muito positivo, então eu tô nesse meio de estar positiva com a medicina.

LUCAS: Em nenhum momento eu fiquei receoso. Acho que a história confirma que a medicina vem sempre avançando e à parte da vacina, é sempre um método muito eficaz no combate de pandemia ou de qualquer outra doença.

Bruno: Vocês já desconfiaram alguma vez de outros laboratórios de vacinas anteriores? Já ficaram com uma “pulga atrás da orelha” de laboratórios de outras vacinas?

(Todos negam)

BIANCA: Eu também não, porque eu imagino que pra ser liberado para a população, é muito tempo de estudo, muitas pessoas estudando, até porque se algo der errado, no geral assim, alguém vai ter que pagar por isso. Eu imagino que a pessoa pensando, não só no bem estar dos outros, mas na própria pele, ela sabe que não

pode liberar por aí algo que não está testado corretamente, que não tem comprovação, então eu não vejo porque desconfiar de vacinas ou remédios, usados corretamente, obviamente.

LUCAS: Não. Eu também concordo.

LETÍCIA: Eu concordo, também.

BRUNO: Última, gente. Então na opinião de vocês, analisando o aspecto da saúde pública, o governo federal atuou de forma correta ou errônea na pandemia? E porquê?

LUCAS: No começo, eu acho que não foi tratado com seriedade, até porque na questão dos locais abertos, mesmo que não tivesse que próximo, mas estava sendo noticiado que estava avançando referente a isso. Já estava nítido que ela (pandemia) não ficaria aglomerada em um lugar só. Então acho que de começo, afrouxou um pouco na questão do “prevenir”, sabe? Porque eu acho que a gente segue um pouco dessa linha: a gente não previne, a gente apaga incêndio. Então a gente sempre espera chegar para tentar consertar. Acho que faltou tentar prevenir, tentar combater ou simplesmente alertar o povo a tomar novas medidas referente a isto, mas é só no começo, depois que realmente já chegou aqui, estava em uma condição muito precária e já foi numa “imediatista” referente...

BRUNO: Você diz de faltar comunicar, certo? Então de quem você diz nesse ponto de faltar comunicar? É de fato o governo federal? É outra esfera? Mídia?

LUCAS: Nesse caso é mais a mídia, também. Eu acho que a mídia focou mais naquilo como em uma coisa nacional do que em uma coisa global. Acho que no começo o povo ficou um pouco meio despreocupado por entender ou passar a entender que simplesmente não chegaria até nós.

BIANCA: Eu acho que essa frase de que “a gente não tenta conter e só apaga o incêndio” já aconteceu é uma verdade absoluta do Brasil porque sempre foi assim e foi exatamente isso que ele falou. A gente ficou muito no: “ah, é na China, não vai chegar aqui, se chegar não vai ser tanto. Não tava esperando que fosse tão grande”.

Eu também acho que foi mais uma questão de mídia porque querendo ou não, mesmo que venha do governo assim, se não tiver o apoio da mídia para falar aquilo para as pessoas, a informação não vai chegar na maioria delas, então foi exatamente isso de “ah, tá tudo bem, tá longe”. Tanto que no ano que aconteceu a gente teve carnaval, como se nada tivesse acontecido no mundo, e quando os casos começaram a subir aqui todo mundo acordou “parece que vai rolar e a gente vai ter que cuidar”, mas quando a gente decidiu cuidar já tinha se espalhado muito.

LETICIA: Eu concordo, mas ao mesmo tempo eu discordo das duas opiniões. Ao meu ver, as primeiras pessoas que recebem as informações é o governo federal. Então a princípio, acho que quem tinha que passar uma informação clara e bem informativa teria que ser eles, e foi falha da mídia pelo governo federal não dar essas informações corretas. Então a partir do momento em que o nosso presidente duvida de algo que está acontecendo lá fora, a mídia também vai duvidar. E em questão de mídia, “ah, a mídia não divulgou tudo”. Hoje em dia, nós temos acesso à tecnologia, e diante disso, o Brasil falhou com as informações e com a mídia divulgada aqui no Brasil, porém, lá fora estava sendo divulgado de uma forma correta. Então como a gente tem acesso à internet, tem acesso à demais informações, a gente sabia que a situação ia se tornar global, porque muitas pessoas falam inglês, falam outras línguas, então elas têm acesso a essas informações. Elas são passadas muito rápido, tanto tecnologicamente quanto “boca a boca”. Então acho que, no Brasil, foi falha primeiramente do governo, acho que essa foi a pior falha que teve. E a segunda foi a mídia por basicamente acreditar em tudo o que o nosso presidente falava. E, fora isso, acho que em questão à sociedade, ao povo, eles realmente acreditam em quem está no topo, então quando estava se espalhando lá fora, acreditaram que no Brasil não ia chegar porque essa informação foi passada do cargo mais alto. Como a Bia disse, quando estava tendo o carnaval, as pessoas já estavam sendo infectadas, tanto que teve uma das primeiras pessoas a serem infectadas, famoso no caso, estava no carnaval e depois ela acabou indo para um casamento, então ela acabou infectando um monte de gente, e esse foi o caso que a gente ficou sabendo logo de cara.

Entrevista em Profundidade

Vivian Retz

BRUNO: Inicialmente gostaria mais de ouvir de você: nome, idade, formação, posição no Butantan

VIVIAN: Sou natural de Santos, sou formada em Publicidade e Jornalismo. Trabalhei em algumas redações grandes como Folha, UOL, Microsoft, SBT e publiquei meu primeiro romance chamado Martina. Estou na área da saúde há 9 anos. Eu vim pra trabalhar no programa Recomeço que era na Cracolândia, na secretaria de saúde e lá eu passei no Hospital das Clínicas, no Hospital de Transplantes, no HC fazendo toda parte de assessoria de imprensa, site e redes sociais e aí antes de vir pra cá eu fiquei no projeto do BID que era pra construção de UBS que a gente chama de saúde primária, pra receber a população via SUS, dentre ele o Pérola Byington. Isso me interessa muito sobre a violência contra a mulher e tudo que isso gera e no final de 2019 eu vim pra cá. E eu vim porque existe uma frustração da diretoria. Eles achavam que as pessoas conheciam o instituto como instituto das cobras e não das vacinas. Então eu vim pra pegar alguns projetos pra trabalhar. Aí veio a pandemia. Entrei em janeiro de 2020 e em março a pandemia começou e aí tudo mudou. Eu comecei a fazer outras coisas aqui dentro além de ser jornalista até que eu assumi a comunicação toda, a imprensa. Então a gente tem 6 grandes áreas aqui: o portal, assessoria de imprensa, redes sociais, eventos, audiovisual e a parte de artes e a comunicação interna. Eu me formei em 2006 e tenho 45 anos.

BRUNO: Você teve COVID? Como foi pra você?

VIVIAN: Eu tive COVID ano passado, em abril. Eu tinha acabado de tomar as duas doses. Eu fui visitar meus pais e quando voltei vi que estava com COVID. Fiquei desesperada mas quem toma vacina transmite menos. Então eles não pegaram. Eu peguei pelo meu marido. Fiquei um mês em casa e tive uma gripe moderada. E eu tive sequelas de olfato. Até hoje assim tem um cheiro ou outro que eu sinto mais fraco. A gente fica com medo porque a COVID a gente não sabe como vai acordar no dia seguinte. E não tem essa “Ah, eu sou atleta” e etc. Eu tenho um filho de 10

anos, a gente fica com medo. Mas não fiquei com falta de ar, nada disso. Já tive gripes piores que a COVID.

BRUNO: Você ou alguém da sua família fez uso de medicamentos para tratamento precoce do vírus?

VIVIAN: Assim, pai, mãe, irmã, não. Mas eu tenho tios e primos que no medo acabaram tomando. Mas quando me perguntavam eu dizia que não achava que era o caminho, né?

BRUNO: Você sabe indicar quais eram os remédios que eles tomavam?

VIVIAN: Ah, na época era cloroquina e ivermectina, né? E muita gente que saiu do hospital com falta de ar saiu com essa prescrição médica, né?

BRUNO: Como que o Butantan se posicionou sobre os remédio para tratamento precoce?

VIVIAN: A gente sempre trouxe estudo na parte de divulgação científica, então, nas interações nas redes sociais, quando tinha essa pergunta, a gente dizia para as pessoas tomarem vacina, usarem máscara e manterem o distanciamento social, que era o que a gente tinha de comprovado. A gente nunca adotou a postura de diminuir nada, exemplo “A nossa vacina é melhor!”. Não, todas as vacinas são importantes. A gente entendia que tinha que ter um planejamento do SUS mesmo em indicar “Astrazeneca não é recomendada para grávidas”, mas meio que não teve isso. As pessoas ficaram pela própria sorte. Mas a postura do Butantan foi sempre dar a notícia, nunca fazer juízo de valor. “Saiu um estado assim, a vacina é segura, é eficaz e a vacina evita mortes”, então esse é o caminho.

BRUNO: Vivian, e considerando que alguns médicos indicaram o uso desses medicamentos, quem ou o que pode ter indicado o uso desse remédio?

VIVIAN: Isso a gente não pode nem responder, porque o Butantan é um produtor de vacina e o que a gente tem de material aqui são os papers relacionados à vacina e a

gente sempre seguiu a ciência. Quando tinha fake news ou divulgando algo que saía errado, as pessoas queriam sempre saber a opinião do Butantan, se é fato ou fake e pra gente foi muito importante reforçar as nossas redes. Antes a gente tinha que ir muito atrás do jornalista, e quando a gente consegue atingir esse número de seguidores e as pessoas começam a olhar o nosso portal e ver que ele é atualizado você cria uma comunicação forte e ajuda a enfraquecer as fake news. E essas fake news, saiu um estudo da USP e nesse estudo...o que aconteceu? As pessoas começaram a rejeitar a coronovac, que é a vacina chinesa e o monte de coisa. E era um bombardeio diário. A gente não estava habituado. Como é que de repente as pessoas começam a querer saber marca de vacina e rejeitar a vacina. E de mal a mal, a grande imprensa acabou comprando essa ideia. Colocou-se uma pulga atrás da orelha mesmo. Então a gente começou a sair na Folha “A Coronovac está sob ataque”, o Globo já começou a falar que houve suborno e aí começou a criar um ambiente muito hostil para a vacina. Quando a gente começa a vacinar, o que vai ser? E quando a gente vê isso, a USP faz um estudo e a gente vê que na verdade isso foi orquestrado. Não foram pessoas que do nada começaram a colocar mentiras sobre a Coronovac. Isso foi planejado, financiado, teve envolvimento do governo federal. Com esse estudo, a gente começa a perceber que sempre que tem um ataque à vacina no dia, à noite o presidente que é o maior líder do país vai lá fala alguma coisa na mesma linha do que está sendo falado no dia. Então ele (presidente) começa a falar “Eu não vou comprar essa vacina”, “Essa vacina é esquisita”, “As pessoas vão virar jacaré”. Então, vai se criando um ambiente que as pessoas vão começando a ficar desconfiadas. E aí na dúvida você não vai se arriscar, vou tomar da outra. Então foi assim, foi uma questão orquestrada e planejada. E a gente precisava reagir até por uma questão de saúde pública porque era a única vacina que a gente tinha na época. O interessante é que numa pandemia as pessoas tomem a vacina e não rejeitem a vacina. Na época a gente falou muito sobre isso, colocamos em nossas redes, foi falado do perigo que era. A gente pensou que seria uma bomba. Mas era um absurdo seguido do outro, e parece que um tira a força do outro.

BRUNO: Como você avalia a postura do presidente incentivando o uso de remédios para tratamento precoce?

VIVIAN: É...a gente viu o resultado. A gente teve 700 mil mortes, se é que não teve mais. Era uma pessoa leiga falando de saúde, foi muito triste.

BRUNO: Então, na sua opinião os fatores políticos influenciaram nessa tomada de decisão das pessoas para tomarem remédios?

VIVIAN: Sim. As pessoas foram influenciadas. E não era só no Brasil. Você vê o Donald Trump mesmo. Ele falava para as pessoas pegarem detergente e aplicarem no braço e as pessoas fizeram isso, então, infelizmente nós temos esse tipo de questão pra lidar.

BRUNO: Na sua opinião, analisando o aspecto da saúde pública, o governo atuou de forma correta ou errônea durante a pandemia?

VIVIAN: Uma das questões que trago pra falar de fake news é a questão da politização da vacina. A gente falou por muito tempo uma questão assim: foi um erro porque a gente ficou nessa briga entre governo federal e estadual, e de fato o Butantan ficou ali no meio da guerra política e institucionalmente a gente tentou o máximo possível se descolar dessa briga. A gente tentava não interferir muito até porque o governo federal, o ministério da saúde é nosso principal comprador. A renda basicamente do Butantan é de venda de vacinas para o ministério da saúde. Como romper? A gente precisa o tempo todo conversar, analisar, dialogar. Aí teve uma hora que passou, como se a pandemia tivesse acabado, no começo desse ano. A gente tem um Boeing caindo por dia no Brasil, morrendo 300 pessoas por dia. Só que no começo desse a coisa voltou a ficar séria porque as crianças começaram a morrer. As crianças voltaram a frequentar as escolas e isso era pouco noticiado. E a gente percebeu que as doses de reforço começaram a cair. As pessoas pararam de tomar. Quando estava lá, todo dia no noticiário, governadores e presidente brigando, o interesse era maior. Então a gente criticou a politização, mas quando a politização começou a diminuir as pessoas pararam de se vacinar. Eu comecei a ficar preocupada porque morriam 2 crianças por dia nas UTIs, e as UTIs pediátricas começaram a ficar lotadas, as crianças entubadas com síndrome respiratória aguda grave e isso não estava saindo em lugar nenhum. Cadê a imprensa? No começo da pandemia a gente falava que ninguém estava ligando pra pandemia porque estava

morrendo velhinhos, se fosse criança. Mas estavam morrendo crianças. E tinha um movimento pra conseguir aprovação das vacinas para crianças com agilidade e a gente só conseguiu a liberação há pouco tempo. E o que foi comprado pelo ministério foi insuficiente para vacinar essa população infantil e não houve nenhum lançamento do governo federal informando que começaria a vacinação para crianças, alertando sobre as duas doses, que era segura. Então, nesse momento a gente sempre coloca a culpa de um lado e está certo, nesse momento tem que cobrar, mas cadê as pessoas indignadas com as crianças que estão sendo contaminadas e já tem vacina? Cadê a campanha? Cadê a imprensa? Na época do auge da pandemia tinha um repórter por dia aqui atrás do meu escritório. Eles estavam aqui acampados dia e noite, e de repente, acabou, sendo a pandemia continua, as crianças continuam morrendo e sem tomar vacina. Então é bem difícil de entender.

Aqui eu falo como Vivian e não como instituição, a gente está numa época em que a gente não consegue olhar o problema de frente e enfrentar, né? “Ah, mas falou porque é desse jeito mesmo, ah porque fala mesmo, ah mas isso não é tão grave assim”. Quando a gente fala de política pública, saúde pública, fake news mata, ela é grave. Ela deveria ser punida. As pessoas deveriam ser punidas, cobradas, presas, responder em juízo. Porque você não pode fazer isso. Então a gente sabe que a queda vacinal é uma questão grave, tem movimentos antivacina no Brasil e no mundo, distribuindo notícias falsas. Tem aquele médico lá atrás que falou que a vacina dava autismo, que não é verdade, mas as pessoas continuam compartilhando, e aí quando a gente para pra olhar isso vira um problema. Por que essas doenças voltaram? A meningite voltou. Uma criança morre em 3 horas com meningite. Sarampo. Então é um retrocesso muito grande. A gente ter que reviver uma coisa que já está superada.

Gustavo Sierra

BRUNO: Gustavo, inicialmente gostaria que você se apresentasse e falasse da sua relação com a pandemia.

GUSTAVO: Sou Gustavo Sierra, gerente de comunicação da ABRAMGE (Associação Brasileira de Planos de Saúde). Sou formado em jornalismo e tenho especialização em Promoção de Saúde e Prevenção de Doenças pela São Camilo e estou na ABRAMGE há 19 anos, sendo 10 anos como assistente e há 9 anos à frente da comunicação

BRUNO: Durante a pandemia você teve COVID? Você precisou ir ao médico? Como você lidou com isso?

GUSTAVO: Logo nos primeiros dias de pandemia aqui, a entidade colocou todo mundo de home office e até o final da semana eu vim ao escritório que foi na sexta-feira e depois disso nós ficamos em casa direto. No meu caso eu tive muita crise de ansiedade. Comecei a procurar teleatendimento pelo plano de saúde, que ajudou bastante, mas não me resolvia. Então, sobre a crise de ansiedade, eu conversava com a enfermaria na terapia e eram 2 ou 3 dias muito bons e tranquilos. E aí eu decidi voltar a trabalhar presencialmente. Foi liberada minha presença, e eu percebi que o negócio comigo era mesmo estar preso dentro de casa. Então, eu procurei um médico ao lado do escritório que é meu primo, e enfim, fiz novamente teleatendimento que num primeiro momento foi bom, mas depois voltou tudo de novo. E depois fiz uma consulta presencial e realmente foi detectado que eu estava com crise de ansiedade. Ele me receitou ansiolíticos que eu comprei, mas eu nunca tomei. Tenho algumas questões com remédios que a gente sabe que começa a tomar a nunca mais consegue largar. Daí encontrei um amigo que tem uma chácara, liguei pra ele, fomos pro sítio dele, foi ótimo e eu percebi que dali pra frente mudou a questão da ansiedade e assim, pessoalmente, o meu relato é esse. Não peguei COVID em nenhum momento até o início deste ano (2022) que teve aquela onda de COVID da variante ômicron, aí eu tive. E pegou todo mundo. Minha família toda, mas graças a Deus não teve maiores consequências.

BRUNO: Você ou alguém de sua família fez uso de algum remédio para tratamento precoce do vírus? Se sim, qual remédio foi?

GUSTAVO: Não. Até porque nós não tivemos no início, né? Se fosse no início, muito provavelmente teria tomado aquela cloroquina, aquelas coisas todas, né? Mas como

nós tivemos na ômicron, e estava muito claro que não tinha efeito, então, ninguém tomou.

BRUNO: Como que a instituição (ABRAMGE) se posicionou sobre o uso e medicação para tratamentos precoce do vírus? Teve algum posicionamento da ABRAMGE a favor ou contra?

GUSTAVO: Não. Não teve nenhum posicionamento, até porque a entidade representa as operadoras. A gente não tem indicação medicamentosa, nada disso. A gente foi muito atuante quando faltou insumos médicos no país, faltou bastante. Aí sim a ABRAMGE teve um papel muito importante para entrar em contato e ir atrás da aprovação da ANVISA e conseguir a liberação da entrada desses medicamentos e importação. Porque é um processo muito importante. E isso foi fantástico por parte da ANVISA. Ela compreendeu o momento e ajudou bastante nessa questão porque tivemos falta do kit entubação, medicamentos que eram usados pra inserir o kit de intubação. Sem o medicamento, a tendência é a pessoa expelir. Então a pessoa acorda do coma induzido e já sai tirando tudo

BRUNO: Gustavo, você disse ali sobre a questão dos remédios precoces que vocês não utilizaram por perceber a ineficácia e na avaliação da instituição e até sua pessoalmente, você acredita que a recomendação do uso do remédio tenha sido influenciada por alguma pessoa? Por alguma entidade? De onde que surge? De onde surge esse movimento na sua avaliação?

GUSTAVO: Acho que a gente tem que resgatar lá de trás, né? Eu lembro bem que a movimentação contrária foi a partir do momento que o presidente Bolsonaro falou que era a favor. Aí teve um movimento contrário muito forte. Até por conta dele ser muito sempre, bem, enfim, todo mundo conhece a pessoa, ele é um cara difícil e ele tinha uma crítica muito pesada. Então, tudo que ele falava tinha uma crítica em cima dele muito forte. Mas até então, aí pessoalmente falando, a entidade não tem nenhum posicionamento quanto a isso, eu lembro que a gente tinha muitos...posso aí fazer até algumas comparações com o momento que a gente está vivendo agora de estudos científicos dizendo que era importante, que tinha eficácia e aí eu posso fazer uma comparação com o que a gente está vivendo agora com um projeto de lei

que acaba de ser aprovado que é o 14.454 que diz que o rol de procedimentos na ANS se for prescrito algum medicamento desde que tenha eficácia provado a operadora deveria cobrir, então, ele não fala em nenhum momento de segurança que é o principal. Isso aí vem da ATS desde os anos 1970. A ATS tem um papel fundamental que é uma análise de tecnologia em saúde e é composta por 3 pilares: a avaliação de eficácia - então se o medicamento é eficaz para aquilo que ele se compromete? - Se sim, se ele é seguro - se os resultados dele de eficácia não trazem consequências ainda piores. E em terceiro lugar se ele é custo efetivo - se o valor que está sendo pago ele traz um benefício maior do que o custo. Então essa ATS ele foi implantada no mundo nos anos 1970 muito por conta de um medicamento da época chamado Talidomida. Era um antiinflamatório e que trouxe consequências gravíssimas para os fetos, então as pessoas começaram a nascer sem braço, sem perna, sem nariz, completamente deformados. Então a partir desse momento foi implantada a ATS no mundo. Então, o que a gente está vendo agora é um retrocesso muito grave quanto essa lei. É como se você só tem a análise de eficácia, então hoje você poderia oferecer a cloroquina porque existe um estudo que diz que é eficaz. A lei não fala que tipo de estudo. Então você no seu consultório analisou que 30 pessoas tomaram e o resultado foi positivo e ele entende isso como estudo científico já poderia de certa forma oferecer, então a cloroquina entraria nesse pacote. Nós estamos muito preocupados enquanto entidade com essa lei. A gente alertou muito mas a gente passa por um desgoverno total na Câmara dos Deputados e no Senado. Então não nos adiantou fazer muitos alertas à imprensa porque a imprensa entendeu o que aconteceu, mas os políticos e a sociedade em grande parte não compreenderam o que estava sendo feito.

BRUNO: Interessante porque esse aspecto político influencia e vocês sentem na pele. Nós, estudantes de RP só ouvimos falar dessa relação da influência, da força da imprensa...

GUSTAVO: A minha compreensão é que a imprensa hoje tem entendido muito melhor os assuntos. A gente conversa muito aqui na ABRAMGE a gente tenta sempre atender ao máximo para conversar mesmo e mostrar o nosso lado. E a imprensa na nossa avaliação enquanto entidade, eles entendem, mas o maior problema que nós percebemos são as mídias sociais que você não tem controle

nenhum. Cada um fala o que quiser e aí entra uma celebridade no meio e aí esquece. É muito complicado e a gente percebe que tem muita manipulação por trás.

BRUNO: Gustavo, você diz então que não é muito da alçada clínica da associação...

GUSTAVO: Não. A entidade representa as operadoras dos planos de saúde quanto representantes legais, então, a entidade representa quanto a ANS, o Congresso, poderes executivo, legislativo e judiciário, muitos eventos, porque assim, uma empresa não representa um setor aí entra o papel da ABRAMGE. A ABRAMGE vai a muitos eventos, se reúne ou tenta. No caso da lei a entidade não foi recebida nem na Câmara e nem no Senado. Foi realmente um movimento coordenado e que não tinha interesse de ouvir a parte técnica. Então aí que a gente trabalha em conversar com parlamentares para falar do nosso setor que não é simples. É um setor muito complexo, tem muita regra. É muito interessante que a gente ouve que o setor toma a ANS e estou aqui desde 2003, e na imprensa eu leio e eu enquanto estagiário pensava: eu aqui dentro vendo que a gente apanha e dizem que as operadoras controla as agências. Como que pode um negócio desse? Então isso diminuiu. A gente era muito combativo também. Então realmente a interlocução com a agência era muito difícil, então a gente não tinha diálogo com a agência e saía na imprensa que a gente tomava as agências.

BRUNO: E por fim, como última questão se na sua opinião, se você pudesse fazer uma análise do aspecto da saúde pública, o governo federal durante o período da pandemia agiu de forma correta, errônea? Qual avaliação você faz desse período?

GUSTAVO: É difícil também porque a gente fez um evento sobre vacinação e o Gustavo, que eu não vou lembrar o sobrenome dele, mas hoje está na ONU. Então, como entidade eu não tenho muito o que falar porque a ANVISA ajudou demais, foi muito célere em todos os processos quando foi solicitado. A questão de leitos por exemplo, o setor privado ajudou muito o setor público, respiradores. O setor privado percebeu antes o que estava acontecendo no mundo e uma ação pontual de uma operadora já tinha olhado pra China e já começado a trazer respiradores...

BRUNO: Você pode falar o nome da operadora?

GUSTAVO: Não posso. Mas quando o mundo percebeu, ele já tinha trazido respirador. E isso foi bastante interessante para nossa análise aqui. Porque aí parou avião nos Estados Unidos, pegou todos os respiradores e não deixou seguir viagem, e por uma operadora estar muito atenta, ela conseguiu fazer antes. A gente sentiu muita falta de materiais. Faltou luva aqui no Brasil. Todo mundo traz da China porque é muito mais barato. Então a gente começou a perceber com a pandemia que seria importante ter essas fábricas dentro do país e pelo que observei isso tá seguindo para o caso de que em uma nova pandemia o Brasil seja autossuficiente. E aí o que me chama atenção sobre vacinas, e daí eu não posso falar como ABRAMGE, mas teve ali, eu não lembro a fabricante, mas se ofereceu para fazer no Brasil os testes de vacina nos brasileiros e parece que nunca teve retorno, e acho que pode até ter acontecido, mas sobre a questão burocrática da vacinação. Nós fizemos um evento com fabricantes de vacinas, foram três, se não me engano. Foram Janssen...e estava o Gustavo que era responsável pela área de vacinação da ANVISA. E ali naquele momento no Congresso estava um debate muito grande de libera ou não vacina para crianças e aí ele falou: “Gente, está tendo essa crítica na imprensa, mas a gente está esperando a documentação das fabricantes. Elas não mandaram.” E aí teve alguém das fabricantes que pediu a voz e falou “É isso mesmo. A gente deve enviar entre hoje e amanhã”. Então a gente vê na comunicação essa falta de informação também, né? Então ali um cara que não é do governo, é um servidor público falou que estava faltando documento. E foi isso, se olhar a data do evento da ABRAMGE e quando foi liberado está muito próximo. Então isso que eu acho interessante. Quando a gente está por trás a gente percebe que falta muita informação. Não é uma defesa de nada, não, mas é complicado. É um jogo muito difícil de ser jogado.

BRUNO: Muito obrigado pela entrevista, Gustavo!

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Gustavo Sierra Scaglia,
 portador(a) do RG n.º 33.041.420-3 e inscrito(a) no CPF sob o
 n.º 312.362.458-73, nascido(a) em 10/08/1981 / _____,
 residente na Rua/Av. Treze de Maio,
 n.º 1540 e complemento n.º _____, na cidade São Paulo

e no estado SP, AUTORIZO o uso de minha imagem, constante na gravação da entrevista online que será feita por Bruno Cesar Ribeiro Sereno para fins acadêmicos do Trabalho de Conclusão de Curso do aluno acima mencionado com o título "VÍRUS NA COMUNICAÇÃO: UMA ANÁLISE DA COMUNICAÇÃO GOVERNAMENTAL DO PRESIDENTE JAIR MESSIAS BOLSONARO DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19", sem qualquer ônus e em caráter definitivo.

A presente autorização abrangendo o uso da minha imagem na filmagem acima mencionada é concedida à FECAP a título gratuito, exclusivamente para fins didáticos e de pesquisa científica para este Trabalho de Conclusão de Curso, por prazo indeterminado. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem ora autorizada ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Local e data: 18/11/2022

Telefone para contato: (_____) 98558-0116

Assinatura: DocuSigned by:
Gustavo Sierra Scaglia
0DB9C3E3E7FD480...

DocuSigned by:
Marcus Vinicius de Jesus Bomfim
DEBB9C98B01E447...